



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

**Sintagmas locativos na Língua de Sinais Brasileira: efeito de
modalidade na aquisição de português (L2) escrito por surdos**

Silvia Saraiva de França Calixto

Brasília – DF
2019



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Sintagmas locativos na Língua de Sinais Brasileira: efeito de modalidade na aquisição de português (L2) escrito por surdos

Silvia Saraiva de França Calixto

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

Brasília – DF
2019

Folha de Aprovação

Dissertação de autoria de Sílvia Saraiva de França Calixto, intitulada '*Sintagmas locativos na Língua de Sinais Brasileira: efeito de modalidade na aquisição de português (L2) escrito por surdos*', requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, defendido e aprovado, em 07 de Agosto de 2019 pela banca examinadora constituída por:

Prof.^a Dr.^a. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
(Orientadora PPGL/LIP/UnB)

Prof.^a Dr.^a. Rozana Reigota Naves
PPGL/Universidade de Brasília
Membro efetivo

Prof.^a. Dr.^a. Patricia Tuxi dos Santos
Universidade de Brasília
Membro efetivo

Prof.^a Dr.^a. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
Universidade Estadual do Oeste da Bahia
Suplente

Agradecimentos

“Como Deus é grande, nosso Deus dos séculos eternos; é ele o nosso guia.”

(Salmo,47,15)

Difícil expressar com palavras a gratidão que tenho por todos aqueles que contribuíram com a minha chegada até aqui.

Agradeço a Deus por ter me segurado no caminho de distância de Barra do Garças-MT a Brasília, ida e volta, totalizando 20 horas de viagem toda semana nas quintas e sextas e durante mais ou menos 3 anos.

Agradeço pelo à minha família França, meu pai, minha mãe, minha irmã, meu irmão, meus sobrinhos e sobrinhas, a minha afilhada, cunhados, cunhada, sogra, concunhadas por entenderem e apoiarem o meu estudo. Ficava muito preocupada e frustrada pelo o estado de saúde do meu pai, ruim por motivo de um tumor benigno, não Foi fácil, mesmo. Me senti mal por estar distante de Goiânia. Todos dias mandava mensagens pra minha irmã, desesperada e desanimada não conseguia me concentrar no meu estudo do mestrado. Também cuidei da minha saúde, me mediquei e melhorei.

Agradeço a minha amiga Maria Vieira Silva e Nilze Silva que indicaram para a minha mãe que eu estudasse no Instituto Pestalozzi de Goiânia, que é especial para surdos. Com 5 anos ingressei no meu estudo de alfabetização, tive dificuldade com a escrita em Língua Portuguesa pois iniciei tardiamente, fiz a terapia com fonoaudiólogo que pouco sabia o básico em Língua Brasileira de Sinais. Minha percepção é mais visual e, assim, eu conseguia responder bem aos estímulos.

Agradeço a Associação dos Surdos de Goiânia que me apoiou, aprendi muitas coisas na comunidade surda e na sociedade. Já tive a experiência de ser diretora da 1ª Secretaria, Conselho Deliberativo, ajudando na tesouraria com as mensalidades e eventos das programações, tive experiência no esporte: fui atleta de Vôlei e Futebol de salão. Primeiramente agradeço aos professores Hélvio Antônio Oliveira, que me ensinou Língua Portuguesa, Edson Gomes Franco e Marcus Vinicius Calixto que me ensinaram

língua Brasileira de Sinais, também me informando sobre esse universo novo e tão vasto.

Tão especial, uma pessoa de ouro, e principalmente a minha orientadora, Heloisa Maria Moreira Lima-Salles, por ser essa pessoa maravilhosa, que ficava muito preocupada e com medo de me aconselhar. Foi ótima na explicação, exigente, carinhosa, trocou muita experiência comigo, me ditou com calma, me fez sentir aliviada, me incentivou, me apoiou. Obrigada, minha orientadora. Não consigo escrever ou explicar minha gratidão, fico sem palavras. Me emociono muito. Agradeço pelo apoio da orientadora, tirou dúvidas sobre artigos e palestras, conhecimento, aprendi muito mesmo, a orientadora já tem experiência em ensinar L2 para surdos, então o aprendizado foi mais fácil. Fico muito feliz pois orientadora já sabe Libras conversar melhor, me sinto orgulhosa.

Meus amigos da pós:

Cintia Caldeira (brasiliense), que conversamos, discutimos novidades sobre congressos, trabalho de Apresentação de Comunicação Oral, me fazia carona, dividimos desespero e alegria.

Rosani Kristian (mineira), quase sempre nos encontramos na rodoviária e na UnB. Conversamos sobre o assunto de Defesa, me deixava preocupada com suas explicações sobre o que estaria por vir.

Keyla Maria (pernambucana) ingressando no doutorando, fomos companheiras de sala de aulas nas disciplinas Sintaxe e Estudos dirigindo Sintaxe. Adoro como ela falava e me fazia rir.

À minha amiga Renata Garcia, foi quem primeiro mandou no whatsapp a informação sobre o edital de Mestrado e Doutorado da UnB, me pressionou a fazer a prova de Mestrado. Eu disse que pensaria no assunto, e perguntei a ela se não faria doutorado. Respondeu: “vou pensar nisso”, depois já resolvemos participar da prova de Mestrado e Doutorado e fomos igualmente aprovadas. Fomos companheiras de sala de aulas nas disciplinas Sintaxe e Morfologia. Orientou-me sobre o assunto de mestrado, qualificação, artigo, publicação e congressos variados. Quando tive dúvidas, perguntei como fazer o pré-projeto de mestrado e os documentos para ingressar como aluna de mestrado.

Aos meus amigos Carolina Resende e Valdo Nobrega que me orientaram e explicaram sobre como fazer o pré-projeto de mestrado, aprendi muito, me desafiei. Agradeço pelos apoios!

Agradeço à Profª Drª Flaviane Reis, que atendeu ao meu convite para ministrar o mini-curso preparatório de Mestrado na Associação dos Surdos de Goiânia com participações dos professores de Goiás.

Às Professoras Doutoradas do Programa PPGL – UnB, Heloisa Salles e Rozana Reigota Naves por aceitar o convite e contribuições nas bancas de qualificação e examinadora. Aos demais, Professoras Doutoradas Heloisa M. M. Lima Salles, Walkiria Neiva, Marina Maria da Silva Magalhães, Rozana Reigota Naves e Eloisa Pilati pelos conhecimentos transmitidos nas aulas ministradas e ensinamentos trocados em Língua de Sinais as professoras que se interessaram, aprenderam e esforçaram-se.

Agradeço-lhe pelo apoio de Rozana Reigota deixou que aluna Layane Lima estudante de Doutoranda em Linguística, ministrasse as aulas com as alunas surdas eu, Cintia Caldeira, Guiomar e Rosani Kristin, pelo conhecimento transmitido, explicação sobre Gramática Gerativa e Noam Chomsky, as quais assisti de forma produtivo. Amei.

Agradeço aos alunos da UnB que foram assistir À minha apresentação na ‘*Tardes Gerativa*’, aos grupos de alunos de estudos gerativos e as presenças de professora orientadora Heloisa Lima Salles e Rozana Reigota Naves,

Agradeço à minha sobrinha Vivian, minha prima que posso chamar de afilhada, por ter me hospedado tão bem em sua casa todas as vezes que precisei.

Agradeço à minha amiga Francilene Machado, por ter me hospedado tão bem em sua casa todas as vezes precisei.

Agradeço aos professores e Técnicos Administrativos da Universidade Federal do Mato Grosso e do Instituto de Ciências Humanas e Sociais no Campus Universitário do Araguaia – em Barra do Garças-MT, pelo carinho e atenção para comigo.

Agradeço os interpretes Tradutores de Língua de Sinais e Língua Portuguesa que me acompanharam: Luciane, Ellen, Graziela, Pier, Rafael, Geysi,

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Linguística pela oportunidade que me foi cedida de evoluir academicamente através do curso de Mestrado.

“Eu nasci com a voz em minhas mãos.”
Katheryn Lomer

*“Dedico este mestrado à minha família,
em especial o meu marido
Marcus Vinicius Calixto e meus filhos.
Samira França Calixto e Munir Calixto Neto
que tanto apoiaram e incentivaram
o meu crescimento profissional.”*

Resumo

O estudo investiga a realização sintática de argumentos locativos em predicados com verbos com movimento direcional (VM) na Língua de Sinais Brasileira (LSB), em oposição a predicados que não apresentam essa propriedade (SM), a fim de verificar a hipótese de interferência da L1 (White 2003) na aquisição das preposições nos predicados correspondentes em dados da interlíngua de surdos aprendizes de português (L2) escrito. Adotando o quadro teórico gerativista (Chomsky 1986; 1995), assumimos a hipótese de que argumentos locativos são licenciados por concordância locativa (Quadros; Karnopp 2004), por meio das categorias (i) movimento direcional (DIR) na estrutura do verbo do tipo VM (1) ou (ii) ponto de articulação (PA) na estrutura do nome locativo, que pode ser no espaço neutro ou no corpo do sinalizador, em predicados do tipo SM (3). Assumindo a correspondência entre tais categorias e as preposições licenciadoras do argumento locativo no português (2)/ (4), investigamos o uso de preposições na interlíngua de surdos aprendizes de português (L2) escrito. O estudo demonstra forte tendência à ausência da preposição tanto em predicados com verbos do tipo VM (5), quanto em predicados com verbos do tipo SM (6). Nesse sentido, o aprendiz estrutura o predicado com o verbo e o nome locativo, mas sem utilizar a preposição locativa, que licencia a concordância locativa no português. Concluímos que a categoria gramatical licenciadora do sintagma locativo na LSB (DIR na estrutura do verbo ou PA na estrutura do nome locativo) é um caso de interferência da L1 na interlíngua. Por hipótese, tal interferência se deve à realização dessa categoria na LSB como um morfema afixal na estrutura do verbo ou do nome locativo, em oposição ao português, que utiliza um morfema livre, a preposição. Esse resultado está de acordo com estudos prévios em relação ao uso de preposições na interlíngua dos surdos aprendizes de português (L2) escrito.

(1) 1p-IR-_{DIR} CINEMA

(2) Eu vou **para** o cinema

(3) PROFESSOR TRABALHAR UNIVERSIDADE-DE-BRASÍLIA

(4) O professor trabalha **na** Universidade de Brasília

(5) (...) Meu pai viajar São Paulo (Inf2A)

(6) (...) mora São Paulo (Inf2A)

PALAVRAS-CHAVES: Sintagmas locativos; Interlíngua; Língua de Sinais Brasileira.

Abstract

The study investigates the syntactic realization of locative phrases in predicates with motion verbs (MP) of Brazilian Sign Language (BSL), as opposed to predicates without this property (NM), in order to test the hypothesis of L1 interferência (White 2003) in the acquisition of prepositions in the corresponding predicates in the interlanguage of deaf learners (written) Portuguese as a second language (L2). Adopting the framework of the generative theory (Chomsky 1986; 1995), we assume that locative arguments are licensed under locative agreement (Quadros; Karnopp 2004), using the following categories (i) directional movement (DIR) in the structure of the motion verb (1) or (ii) articulation point (AP) in the structure of the locative noun, which may be either a neuter point signing space or in the body of the signer, in NM predicates (3). Assuming a correspondence between these categories and the prepositions licensing the locative argument in Portuguese (2)/ (4), we investigate the use of prepositions in the interlanguage of deaf learners of (written) Portuguese as a second language (L2). A strong tendency to the absence of prepositions both in MV and NM predicates, as illustrated in (5) and (6), respectively. Accordingly, the learner builds up the predicate using the verb and the locative noun, without the locative preposition, which is the category licensing locative agreement in Portuguese. The conclusion is that the grammatical category licensing the locative phrase in BSL, namely DIR in the structure of the verb and PA in the structure of the locative noun, stands as L1 interference in the interlanguage, which is due to the realization of this category as an affixal morpheme in BSL in the structure of the verb and the locative noun, as opposed to Portuguese, which uses a free morpheme, namely a preposition. This result is in accordance with the results in previous studies concerning prepositions in the interlanguage of deaf learners of (written) BP as a second language.

- (1) 1p-IR-_{DIR} CINEMA ('1p-TO-GO CINEMA')
- (2) Eu vou **para** o cinema (I go to the cinema)
- (3) PROFESSOR TRABALHAR UNIVERSIDADE-DE-BRASÍLIA ('The teacher works at the University of Brasília')
- (4) O professor trabalha **na** Universidade de Brasília
- (5) (...) Meu pai viajar São Paulo (Inf2A) (My father travel São Paulo)
- (6) (...) mora São Paulo (Inf2A) ([I] live São Paulo)

KEYWORDS: Locative phrases; Interlanguage; Brazilian Sign Language

Sistema de Transcrição de LSB

1. Os sinais da Libras são representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.
2. O sinal que corresponde a duas ou mais palavras da língua portuguesa é transcrito com um hífen: CORTAR-COM-FACA; MEIO-DIA.
3. A localização de um sinal no espaço está representada pelo sinal correspondente com uma letra em subscrito que indica o *locus*.
Ex: JOÃO_a: João está associado ao ponto identificado como ‘a’
aCARREGAR_b: Carregar algo do ponto identificado como ‘a’ ao ponto identificado como b
4. A apontação (ato de se apontar para um ponto específico no espaço) é representada por ‘IX’.
5. As pessoas gramaticais são representadas por 1, 2 e 3 – no plural, é incluída a abreviação ‘pl’:
Ex: 1-PERGUNTAR-3 (Eu pergunto para ele),
2-AJUDAR-1 (Você me ajuda),
IX1 GOSTAR IX3 (Eu gosto dele).
(Adaptado de Felipe & Monteiro (2007); Santos (2001); Mesquita (2008))
6. A notação LOC marca o afixo locativo/ movimento direcional no verbo
Ex.: IR_{LOC} Paris

OBSERVAÇÕES:

1. Exemplos citados da literatura serão transcritos e glosados de acordo com o texto original.
2. Outras marcações: ‘do’ *direção do olhar*; ‘mc’ *movimento de cabeça*; ‘n’ *negação*; ‘md’ *mão direita*; ‘me’ *mão esquerda*.

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1: OPERAR-CLinstru..... | 50 |
| Figura 2: CORTAR-CLinstru..... | 50 |
| Figura 3: O sinal ATÉ em LSB..... | 53 |
| Figura 4; O sinal Atrás/ ATRÁS..... | 54 |
| Figura 5: O sinal em frente/ FRENTE..... | 55 |
| Figura 6; O sinal Dentro/ DENTRO..... | 55 |
| Figura 7; O sinal Fora/ FORA..... | 55 |
| Figura 8: O sinal PERGUNTAR..... | 57 |
| Figura 9: COLOCAR..... | 58 |
| Figura 10: BAR..... | 58 |
| Figura 11: Formas pronominais usadas com referentes presente | 63 |
| Figura 12: Formas pronominais usadas com referentes ausentes..... | 63 |
| Figura 13: Um carro ultrapassou outro carro..... | 65 |
| Figura 14: MÃO direita horizontal aberta, palma para abaixo..... | 67 |
| Figura 15: Concatenação de nós de concordância na representação direta de referente..... | 67 |
| Figura 16: Concatenação de raiz e argumentos internos na representação de nós de concordância direta de referentes..... | 68 |
| Figura 17: O sinal CARRO e ALI..... | 69 |
| Figura 18: Soletrador M-A-R-I-A, os sinais ESSA e FALAR | 70 |
| Figura 19: O sinal TER, BICICLETA, JUNTO..... | 70 |
| Figura 20: O sinal LÁ, CARRO e VERMELHO..... | 71 |
| Figura 21: O sinal VEICULO(md) LADO_VEICULO_DUAS_RODAS (me) e LÁ(md) LADO_VEICULO_DUAS_RODAS (me)..... | 71 |
| Figura 5: O sinal o verbo ‘ <i>ir</i> ’ | 83 |
| Figura A: O verbo IR | 24 |
| Figura B: O dêictico ALI | 25 |

Lista de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Núcleo lexicais..... | 41 |
| Quadro 2: Projeção sintagmática dos núcleos funcionários..... | 41 |
| Quadro 3: Especificação de traços fonológicos relevantes para estabelecimento de concordância..... | 69 |

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: extraída de Santana (2015, p. 84) | 81 |
| Tabela 2: Elaborada por Calixto (2019, p.88) | 89 |
| Tabela 3: Elaborada por Calixto (2019) | 92 |

Lista de Gráfico

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Elaborado por Calixto (2019) | 90 |
|---|----|

Siglas e Abreviações

Siglas

| | |
|-----|------------------------------------|
| LSB | <i>Língua de Sinais Brasileira</i> |
| ASL | <i>Língua de Sinais Americana</i> |
| LSI | <i>Língua de Sinais Israelense</i> |

Abreviações

| | |
|-------|---|
| Loc | <i>Locativo</i> |
| PB | <i>Português</i> |
| IX | <i>Representação de apontamento</i> |
| L2 | <i>Segunda Língua</i> |
| L1 | <i>Primeira Língua</i> |
| AL | <i>Aquisição da Linguagem</i> |
| GU | <i>Gramática Universal/ Universal Grammar (UG).</i> |
| LS | <i>Língua de Sinais</i> |
| Inf. | <i>Informante</i> |
| S° | <i>Estado inicial</i> |
| Ø | <i>Sujeito Nulo</i> |
| EPP | <i>Princípio da Projeção Estendida</i> |
| Compl | <i>Complementos</i> |
| Spec | <i>Especificador</i> |
| V | <i>Verbo</i> |
| P | <i>Preposição</i> |
| SN | <i>Sintagma Nominal</i> |
| SUJ | <i>Sujeito</i> |
| Cl | <i>Classificador</i> |

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Sumário | 19 |
| Capítulo 1 | 21 |
| 1.1. Apresentação do Problema | 21 |
| 1. 2. Justificativa teórica e hipóteses de trabalho | 26 |
| 1.2.1 A Faculdade de Linguagem e hipótese da Gramática Universal (GU) | 26 |
| 1.3. Questões de Pesquisa | 28 |
| 1.4. Objetivo geral e objetivos específicos | 29 |
| 1.4.1. Objetivo geral | 29 |
| 1.4.2 Objetivos Específicos | 29 |
| 1.5 Constituição do Corpus | 30 |
| 1.6 Metodologia | 30 |
| 1.7 Aquisição de Linguagem: L1 e L2 | 30 |
| 1.7.1 Aquisição da Língua de Sinais (L1) por crianças surdas | 31 |
| 1.7.2 Aquisição de segunda língua (L2) pela criança surda | 32 |
| Capítulo 2 | 35 |
| 2.1. O programa gerativista | 35 |
| 2.2. A teoria de Princípios e Parâmetros | 36 |
| 2.2.1. Teoria X- barra | 40 |
| Adjuntos | 43 |
| 2.2.2 Categorias lexicais e funcionais | 43 |
| 2.2.3 Ordem básica na LSB | 47 |
| Capítulo 3 | 52 |
| 3.1 A teoria do Caso | 52 |
| 3.2. O Caso oblíquo na LSB: a preposição e o uso do espaço na realização do caso locativo | 56 |
| 3.3.1 Verbos de movimento e argumentos locativos no português brasileiro e na Língua de Sinais Brasileira | 63 |
| 3.3.2 Construções Classificadoras, Verbos de Deslocamento e Localização na Língua de Sinais Brasileira | 66 |
| Capítulo 4 | 76 |
| 4.1 O que é interlíngua? | 76 |
| 4.2. O uso da preposição nos dados da interlíngua: estudos prévios | 77 |
| 4.2.1. O estudo de Mesquita (2008) | 77 |
| 4.2.2. O estudo de Santana (2015) | 80 |

| | |
|--|--------------------------------------|
| 4.3.2. O estudo de Oliveira (2018) | 84 |
| 4.3 Sintagmas locativos em redações de surdos no contexto educacional: os dados de Santana (2015) revisitados | 87 |
| 4.3.1 Análise dos dados | 92 |
| Capítulo 5 | 94 |
| 5.1. Considerações Finais | 94 |
| Referências bibliográficas | 96 |
| Anexos | Erro! Indicador não definido. |

Capítulo 1

Apresentação do problema, hipóteses e objetivos do trabalho

1.1. Apresentação do Problema

A presente dissertação, intitulada '*Sintagmas locativos na Língua de Sinais Brasileira: efeito de modalidade na aquisição de português (L2) escrito por surdos*', é desenvolvida no âmbito do programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade de Brasília e insere-se na linha de pesquisa *Gramática: teoria e análise*. O estudo tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre a gramática da Língua de Sinais Brasileira estabelecendo uma relação com a educação bilíngue de surdos. Analisando o dados da interlíngua, investigamos a hipótese da interferência da primeira língua (L1), a LSB, no desenvolvimento da segunda língua (L2), o português.

Historicamente a educação de surdos teve um declínio imenso por conta do método de ensino apoiado na oralização, chamado de 'oralismo'. Este método foi utilizado por um longo período de tempo na educação de surdos. Em seu uso, observamos avanço para alguns e atrasos de aprendizado para outros. Na maioria dos casos, os atrasos são significativos no desenvolvimento da linguagem. A escola no Brasil utilizava o português escrito como língua de instrução e aprendizado do conteúdo e o oralismo como forma de comunicação. Mas essa metodologia efetivamente trouxe poucos resultados ou até mesmo em alguns casos nenhum avanço no desenvolvimento cognitivo e acadêmico dos surdos. Conforme observam vários estudos, a comunidade surda utiliza o português escrito até os dias de hoje, mas com muita dificuldade, a metodologia adotada na escola não é adequada. Sabemos que é através da Língua de Sinais que os surdos se expressam melhor com maior absorção das informações, pois esta é a sua primeira língua (L1). No entanto, o surdo precisa desenvolver o conhecimento do português (escrito) como segunda língua (L2), na escola. Desta forma, ele poderá se tornar um indivíduo bilíngue.

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar o desenvolvimento das preposições na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2). Para tanto, vamos analisar o uso de preposições em orações com argumento locativo em português, comparando com as estruturas correspondentes na Língua de Sinais Brasileira (LSB). A análise translinguística é necessária para o estudo dessas estruturas na interlíngua do surdo aprendiz de português, pois assumimos a hipótese da interferência da L1 na L2. Essa hipótese é formulada no âmbito da teoria gerativa, em que a L1 é considerada o estado mental inicial da aquisição da língua alvo (L2). Por hipótese, o conhecimento da L2 se desenvolve em etapas, chamadas fases da interlíngua. O conceito de interlíngua foi definido por Selinker (apud ELLIS, 1997, p. 140), como “o conhecimento sistemático de uma L2 que é independente tanto da língua alvo como da L1 do aprendiz” [tradução nossa]. Por hipótese, no desenvolvimento em direção à língua alvo, é possível verificar interferência (negativa ou positiva) da L1 na estrutura da interlíngua, mas esse efeito tende a desaparecer gradualmente pela exposição (sistemática e consistente) ao *input* da L2 (White 2003; Hawkins (2001)).

A língua de sinais brasileira (LSB), usada pela comunidade surda, tem natureza viso-espacial e alguns aspectos da sintaxe de língua de sinais precisam ser observados e comparados com a L2 (português escrito), visto que a Língua de Sinais Brasileira não usa preposição com verbos direcionais e de movimento em sua estrutura gramatical. Esta é a hipótese de pesquisa tendo como base este fator sendo o mais relevante. Para isso, vamos analisar a interlíngua dos surdos que tiveram seu aprendizado através do português escrito sua L2, e os surdos em que a língua de sinais (LS) foi à primeira língua de instrução sendo ainda sua língua natural L1. Através deste estudo, podemos analisar qual a realização da preposição pertencente à língua portuguesa, comparando com a estrutura com a mesma função gramatical em Língua de Sinais Brasileira.

A presente dissertação tem por objetivo descrever, nas sentenças da língua de sinais brasileira (LSB), o uso do espaço na realização dos argumentos locativos e, adotando uma perspectiva comparativa, observar a questão do uso de categoria preposição pelo surdo na interlíngua (português L2). Nossa hipótese é que, na fase inicial, os estudantes não utilizam a preposição por causa da interferência da L1: o parâmetro do movimento direcional é analisado como um morfema preso na estrutura do verbo, e a preposição em português é um morfema livre. Por essa razão, a interferência da L1 é negativa, pois o surdo não estabelece a relação entre o morfema direcional e a categoria preposicional no português. Com o contato com o *input* da

língua alvo (português L2), no contexto educacional, a preposição começa a ocorrer na interlíngua. Nas fases iniciais, existe dúvida em relação à escolha da preposição. Nesta pesquisa vamos investigar o uso de preposições em sintagmas locativos na interlíngua de surdos aprendizes de português (L2), em ambiente educacional.

Para contextualizar a questão, partimos de estruturas com verbos de movimento e verbos direcionais em LSB e em português. A análise dos dados da LSB toma por referência a descrição gramatical de Quadros; Karnopp (2004). Segundo as autoras, nesses predicados, o sintagma locativo é licenciado por concordância locativa. Na presente análise, a concordância locativa é marcada pelo movimento direcional (DIR) na estrutura do sinal em verbos de movimento e verbos direcionais. Em predicados sem movimento direcional, a concordância locativa é marcada no ponto de articulação (PA) do sinal que realiza o argumento locativo.

Apresentamos a seguir exemplos de verbos de movimento – IR/VIR, CHEGAR/SAIR –, e também verbos direcionais – COLOCAR/ PEGAR-, que descrevem o movimento de um objeto, em LSB, na comparação com o português. Utilizamos a marca ‘x’ no verbo e no sintagma locativo para indicar o movimento realizado pelo verbo em direção ao ponto de localização.

(1) a. $1sIR_x$ CINEMA $_x$

b. Eu vou **para** o cinema.¹

(2) a. IX_{1s} VIR $_x$ CASA $_x$

b. Eu vim **de** casa.

(3) a. PROFESSOR CHEGAR $_x$ SALA $_x$

b. O professor chegou **na** sala.

(4) a. PROFESSOR SAIR $_x$ SALA $_x$

b. O professor saiu **da** sala.

(5) a. PROFESSOR COLOCAR $_x$ CHAVE GAVETA $_x$

b. O professor colocou a chave **na** gaveta

¹ Em português, a preposição ‘a’ também descreve a trajetória e é usada com o verbo ‘ir’ de movimento.

(i) João vai ao cinema.

JOÃO IR P_[a+o] CINEMA

Existe também variação com a preposição ‘em’ [em+o(s)=no(s)/em+a(s)=na(s)], usada na oralidade (registro informal), conforme ilustrado em (ii) (cf. (i)). Nesse caso, o verbo ‘ir’ descreve a trajetória, enquanto a preposição ‘em’ marca o sintagma locativo como o ponto de chegada:

(ii) João vai no cinema

JOÃO IR P_[em+o] CINEMA

(6) a. PROFESSOR PEGAR_x CHAVE GAVETA_x

b. O professor colocou a chave **na** gaveta

Observamos nos dados que, em LSB, não usamos a preposição para introduzir o argumento locativo. No português, a preposição é obrigatória nesse mesmo contexto. Em LSB, o sinalizador usa o movimento direcional que indica uma localização no espaço. Por hipótese, os verbos espaciais têm afixos locativos. Dessa forma, a categoria espacial é realizada na estrutura morfossintática do verbo por meio do movimento direcional (DIR). O movimento direcional (DIR) está presente nos verbos IR/ VIR, CHEGAR/SAIR e no verbo COLOCAR/ PEGAR, conforme ilustrado a seguir com o verbo IR (extraído de Capovilla; Raphael 2001, p. 768)

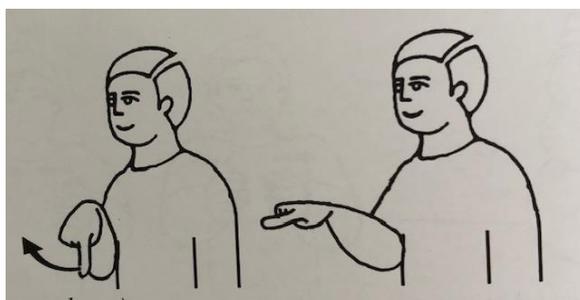


Figura A: verbo IR, extraída de Capovilla; Raphael 2001, p. 768)

Em português, a preposição indica a direção do movimento ou o ponto de localização. Por isso, as preposições são diferentes, de acordo com o tipo de evento que o verbo descreve. A preposição ‘em’ indica um ponto no espaço. A preposição ‘para’ indica o movimento de uma origem em direção a um ponto afastado. A preposição ‘de’ indica o ponto de origem do movimento.

Investigamos também sintagmas locativos em predicados sem movimento direcional, conforme ilustrado em (7a) e (7b), da LSB. Por hipótese, nesse contexto, o sintagma locativo é licenciado por um localizador (LOC), realizado pelo ponto de articulação (PA) na estrutura do sinal, ou por um ponto neutro (geralmente na frente do sinalizador) no espaço de sinalização, e também por apontação (dêixis distal ou proximal), conforme ilustrado a seguir (figura B). Nas sentenças correspondentes em português, o sintagma locativo é introduzido pela preposição ‘em’ ou por um advérbio ‘ali/aqui/lá’.

- (7) a. JOÃO BAR-LOC_{PA}
'João está no bar.'
b. MARIA MORAR BRASÍLIA-LOC
'Maria mora em Brasília.'
c. MARIA MORA ALI
'Maria mora ali.'

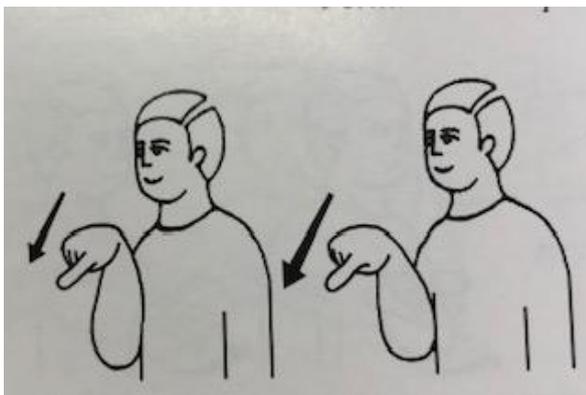


Figura B: Sinal ALI, extraído de Capovilla; Rapahel (2001), p. 178

Em síntese, comparando a LSB e o português, verificamos que em LSB, a direção do movimento é indicada na estrutura do verbo espacial ou de movimento. O argumento locativo é realizado por uma concordância locativa. O argumento locativo é indicado pela apontação (advérbio de lugar) ou pelo uso da expressão nominal que descreve o locativo.

Na aquisição de português (escrito) como L2, o surdo deve desenvolver os seguintes conhecimentos:

1. O argumento locativo é introduzido por preposição.
2. A preposição descreve a posição do argumento locativo ou a direção do movimento na realização do argumento locativo.

Neste estudo, propomos investigar a interlíngua do surdo, considerando particularmente as estruturas locativas no português, que correspondem a verbos com movimento direcional em LSB. Para tanto, vamos examinar a produção de surdos em ambiente educacional, coletada do anexo do trabalho de XX, disponível em XX. Nossa hipótese de trabalho é que existe desenvolvimento linguístico em função do *input* linguístico do português (escrito) como L2 que o surdo recebe na formação acadêmica na escola. Considerando que a L1 é o estado mental inicial para a aquisição da L2,

existe interferência da L1 (LSB) no desenvolvimento linguístico do surdo aprendiz de português L2 (escrito).

1. 2. Justificativa teórica e hipóteses de trabalho

A Língua de Sinais Brasileira é legalmente reconhecida como meio de comunicação legítima da comunidade surda e, por isso, merece ser bem documentada uma vez que essa língua tem se tornado cada vez mais evidente em todas as áreas sociais do território nacional. Além da documentação da LSB, consideramos importante investigar a situação linguística do surdo, uma vez que o surdo deve adquirir o português (escrito) na escola.

Neste trabalho, buscamos investigar as características da interlíngua do surdo na aquisição de português (escrito) como segunda língua (L2), em contexto educacional. Considerando que a LSB é a primeira língua do surdo, buscamos investigar a situação linguística e educacional da pessoa surda, contribuindo para seu desenvolvimento acadêmico. Conforme mencionado, o estudo investiga a aquisição das estruturas locativas do português (L2) em predicados com verbos que selecionam argumento locativo, considerando particularmente o uso do sistema preposicional.

Em nossa análise, partimos da hipótese da interferência da L1 no desenvolvimento da interlíngua, bem como a hipótese da Gramática Universal, conforme formulada em Chomsky (1998).

1.2.1 A Faculdade de Linguagem e hipótese da Gramática Universal (GU)

Para entender a hipótese da Gramática Universal (GU), passamos a caracterizar o desenvolvimento da L1 de acordo com a teoria gerativa. A abordagem da gramática gerativa está formulada primordialmente na obra de Noam Chomsky. De acordo com essa concepção, o comportamento linguístico dos indivíduos humanos deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato conhecido como Faculdade da Linguagem, uma capacidade inata ao ser humano que permite o desenvolvimento e o uso de uma língua natural. Para sustentar sua tese da existência da Faculdade da Linguagem, Chomsky usa três argumentos:

- a) apenas a espécie humana adquire linguagem;
- b) a linguagem humana tem por base a propriedade da infinidade discreta;
- c) há uma “pobreza de estímulos” durante o processo de aquisição.

Por hipótese, o estágio inicial da Faculdade de Linguagem é a Gramática Universal (GU), termo que se deve à crença de que a capacidade de aquisição da linguagem verbal é comum à espécie humana e de que a criança pode adquirir qualquer língua humana, desde que seja exposta aos dados dessa língua.

Fazendo uma síntese da importante contribuição desse linguista, Salles; Naves (2010, p.20) observam que a hipótese da gramática universal (GU) é desenvolvida no âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros. MIOTO et al. (2016) apresenta uma descrição da estrutura da GU, com base em Chomsky (1981; 1986), destacando que a GU se estrutura por meio princípios e parâmetros. Os princípios são propriedades universais, válidas para todas as línguas. Os parâmetros têm valores binários, que devem ser especificados/ fixados, no processo de aquisição da L1. Os princípios universais e os parâmetros fixados dão origem a uma língua particular. Dessa forma, a faculdade humana da linguagem compreende um estado mental inicial (S_n), designado Gramática Universal (GU) e um estado mental final (ou estável), que é a gramática particular de uma língua.

“A GU se constitui como a base para a aquisição de uma língua e consiste com um conjunto de princípio universais e altamente restritos, que contêm um arranjo finito de opções que a eles se aplicam – os parâmetros – cujos valores são especificados no processo de aquisição da língua, com base no input linguístico recebido. Nesse sentido, a gramática particular resulta da interação entre o estado inicial (comum à espécie humana) e a experiência, responsável por favorecer os dados de entrada (input) que, por sua vez, permitem ao falante depreender as propriedades específicas que definem o funcionamento da gramática da língua particular à qual é exposto – o estado final (S_n). O processo aquisição da uma língua natural pode ser assim esquematizado:

→ GU (S_n) + input Gramática Particular (S_n)

Por exemplo, as línguas se distinguem em relação à forma como é realizada a posição de sujeito de uma oração: nulo ou manifesto. Na ASL, na LSB e em português,

encontramos sujeitos nulos (*pro*) em predicados que se referem a fenômenos da natureza, mas em inglês, a posição de sujeito é preenchida pelo pronome 'it', conforme ilustrado em (8). A categoria nula *pro*, em ASL, LSB e português, e o pronome *it*, em inglês, são marcados com o traço [-referencial], porque os predicados meteorológicos não selecionam argumento (\emptyset).

(8)

a) ASL: [YESTERDAY [SUJ *pro* [VP \emptyset TO-RAIN]]]

b) LSB: [ONTEM [SUJ *pro* [VP \emptyset CHOVER]]]

c) Português: [Ontem [SUJ [VP \emptyset choveu]]]

d) Inglês: [Yesterday [SUJ *it* [VP \emptyset rained]]]

As variações entre línguas são recebidas no *input* da aquisição e são chamadas de parâmetros. Como já vimos, os dados em (7) ilustram o parâmetro do sujeito nulo. Por hipótese, a ASL, a LSB e o português possuem um pronome nulo *pro* marcado pelo traço [-referencial], e o inglês possui o pronome manifesto *it* marcado pelo traço [-referencial]. O sistema inicial UG é capaz de dar conta de qualquer dado pertencente às línguas naturais.

A teoria da UG tem sido aplicada aos estudos de aquisição de segunda língua. Esses estudos têm verificado que os alunos aplicam os princípios da UG na aquisição de sua L2. Considerando tais estudos, torna-se possível avaliar como tal teoria pode ser aplicada ao estudo da aquisição da escrita do português por alunos surdos.

1.3. Questões de Pesquisa

- A) Considerando que existem preposições para realizar o argumento locativo nas estruturas com verbos de movimento (direcional) em português e considerando que a LSB não utiliza preposição nesse contexto sintático, como essas construções são realizadas na interlíngua do surdo aprendiz de português?
- B) Considerando a hipótese de interferência da L1 nas fases da interlíngua, como é realizado o argumento locativo na aquisição das estruturas com verbos de movimento (direcional) do português L2 (escrito)?
- C) Qual é o efeito do input linguístico no desenvolvimento do português (L2) por surdos em relação às estruturas de verbos com argumentos locativos?

1.4. Objetivo geral e objetivos específicos

1.4.1. Objetivo geral

Realizar a descrição e a análise das estruturas com argumento locativo realizado com *preposição no português* e com *o uso do movimento direcional e do espaço na Língua de Sinais Brasileira, investigando a interlíngua do surdo aprendiz do português L2*.

Para tanto, realizamos o estudo dessas estruturas na Língua de Sinais Brasileira, considerada como língua natural, investigando a estrutura da gramática na realização do argumentos internos e externos das sentenças. Adotando uma perspectiva comparativa, desenvolvemos o estudo das mesmas estruturas no português. Nosso objetivo geral é, portanto, verificar o desenvolvimento das estruturas com preposição do português (escrito) como L2, investigando as fases da interlíngua.

Tendo em vista o quadro teórico adotado, é também um objetivo geral analisar o referencial teórico da Gramática Gerativa, em relação à sintaxe das preposições e à expressão sintática dos argumentos pelo uso do espaço em LSB. Nessa investigação, buscamos apresentar uma análise do tema de nossa pesquisa, tomando como referência a hipótese de que a realização morfosintática das expressões locativas são uma manifestação da Faculdade de Linguagem, considerada uma capacidade inata do ser humano (Chomsky, 1998). Com base nesses pressupostos, o programa de pesquisa da gramática gerativa busca responder às seguintes questões de pesquisa:

- (i) Que tipo de conhecimento constitui a GU;
- (ii) Que fatos linguísticos são relevantes para a aquisição de língua;
- (iii) Que tipo de conhecimento constitui a gramática de uma língua particular.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Investigar as propriedades estruturais dos verbos com movimento direcional e com argumentos locativos, em oposição a predicados com verbos que não denotam movimento, comparando a LSB e o português.

- Mostrar como é estabelecida a relação gramatical entre o verbo e o argumento locativo em orações da LSB e do português, considerando o tipo de preposição e o uso do espaço na realização do movimento direcional.
- Investigar o desenvolvimento linguístico na aquisição do português L2 (escrito), analisando a interlíngua em dados coletados em contexto educacional.

1.5 Constituição do Corpus

A coleta dos dados para as análises e a verificação das hipóteses será feita na literatura e de forma experimental, pela análise da produção escrita de surdos em ambiente educacional.

1.6 Metodologia

A análise de resultados será descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa. Serão coletados dados da LSB com sintagmas locativos em predicados com verbos de movimento e de transferência de lugar e verbos sem movimento direcional. Os dados serão coletados de redações produzidas por surdos e reunidas no Anexo da dissertação de mestrado de Lucinea da Silva Santana (2015), defendida na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

1.7 Aquisição de Linguagem: L1 e L2

De acordo com Quadros (1997), na obra *Estudos sobre a aquisição da linguagem*, são relacionadas três diferentes abordagens sobre a aquisição:

1. A Abordagem Comportamentalista (SKINNER, 1957): tem por objeto de investigação (a) o comportamento verbal, (b) os estímulos, que condicionam o comportamento verbal, (c) a visão na produção, e não na competência; (d) a AL depende do acesso estímulo, e precisa de treino, reforço e repetição.
2. A Abordagem da Linguística Gerativa (CHOMSKY, 1965): parte da hipótese de que (a) a linguagem é adquirida por meio de uma estrutura inata (*competência*)

(*I-language*), que se distingue da produção linguística (*desempenho*), definida como a língua externa (*E-language*); (b) a AL desenvolve o conhecimento linguístico a partir das regularidades das línguas; c) a linguagem é adquirida de maneira uniforme

3. A Abordagem Interacionista: desenvolve sua hipótese em dois grupos: cognitivista e social. A abordagem cognitivista investiga as estruturas internas da mente do indivíduo no processo de aquisição. A abordagem social – interacionista investiga a aquisição da estrutura e as regras gramaticais na relação com a intenção do sujeito na produção da estrutura da linguagem.

Este trabalho analisa o desenvolvimento do português (L2) (escrito) de surdos em contexto educacional, considerando a abordagem da linguística gerativa.

1.7.1 Aquisição da Língua de Sinais (L1) por crianças surdas

Conforme observa Quadros (1997), a aquisição da linguagem por crianças surdas é um fenômeno natural. Consideramos, seguindo a abordagem dos estudos linguísticos, que a aquisição da linguagem é essencial, pois permite aos indivíduos vivenciar as experiências necessárias ao convívio social.

Greg (1996, apud PAIVA 2000) considera que, na aquisição da linguagem, o surdo desenvolve não só a língua de sinais (L1) como também a língua oral na modalidade escrita (L2). O autor observa ainda que a língua de sinais, a primeira língua (L1), é adquirida aceleradamente, porque é adequada às características perceptuais da pessoa surda. A língua oral, na modalidade escrita, também pode ser adquirida como L2, mas é essencial que o surdo tenha acesso à língua de sinais.

Existem muitos casos em que a língua de sinais (L1) é adquirida tardiamente. Essa situação traz dificuldades para o surdo em sua socialização e na realização das tarefas que envolvem o uso da linguagem, e também na aquisição da L2. Portanto, a escola precisa desenvolver estratégias para o estudante surdo adquirir a escrita da língua oral, no caso o português. Assim, os surdos (brasileiros) estão conscientes de que a primeira língua é a Língua de Sinais Brasileira (LSB), e a segunda língua é o português (escrito).

Ferreira (2013) afirma que é muito importante para a criança surda desenvolver a LS, através do contato social com outros surdos. De fato, a aquisição da língua de sinais fica mais fácil se a criança entra em contato com o surdo por meio da conversação, que permite praticar as palavras, as estruturas e os sinais que recebe na interação. Assim, fica evidente que o desenvolvimento linguístico dos surdos ocorre pelo contato social com os falantes da língua de sinais.

Do mesmo modo, a aquisição da língua portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita, conforme Quadros (1997), requer o contato com o input da língua escrita, de forma consistente. Segundo a autora, se a criança surda já recebeu o input de língua de sinais, a possibilidade de alcançar a aprendizagem da escrita em língua portuguesa é mais fácil.

Dessa forma, conforme Miotto et al. (2004), a linguagem é adquirida transformando o input em gramática internalizada. Essa possibilidade está associada ao fato de que todos têm uma gramática Universal (GU). A GU é formada de princípios universais, válidos para todas as línguas, e de parâmetros, que são opções que expressam as diferenças entre as línguas. A teoria chomskiana de princípios e parâmetros mostra que existem semelhanças e diferenças entre línguas.

Quadros (1997) destaca que a aquisição da LSB por uma criança surda é semelhante à aquisição da língua oral por uma criança ouvinte. Dessa forma, segundo a autora, a aquisição da língua de sinais exibe quatro estágios diferentes, que são: (1) estágio pré-linguístico, (2) estágio de um sinal, (3) estágio das primeiras combinações e, finalmente, (4) estágio das múltiplas combinações. É importante verificar o fato de a criança surda e a criança ouvinte apresentarem as mesmas características no processo da aquisição da L1. Os estágios da aquisição da LS por surdos confirmam que a GU é um dispositivo de aquisição de língua (DAL), mas é necessário que a criança surda tenha acesso ao *input* linguístico da LS.

1.7.2 Aquisição de segunda língua (L2) pela criança surda

A segunda língua (L2) é a língua que o indivíduo aprende depois de já ter adquirido a sua língua materna (L1). A aquisição da L2 tem características distintas da aquisição de L1. Por hipótese, na aquisição de L2, a L1 é o estado mental inicial, mas o indivíduo também tem acesso à Gramática Universal (GU) (cf. White 2003, *apud*

Mesquita 2008). De acordo com os pesquisadores que se dedicam aos estudos sobre a aquisição de L2, é possível a aquisição de L2 em indivíduos surdos. Segundo Quadros e Schmiedt (2006, p. 34), pesquisadores como Anderson (1994), Ahlgren (1994), Ferreira-Brito (1993) consideram que a língua de sinais é adquirida como a primeira língua e a escrita da língua oral-auditiva como uma segunda língua.

Quadros e Schmiedt (2006, p.32) apresentam como a criança surda desenvolve os conhecimentos linguísticos, apresentando quais são os princípios básicos na aquisição da L1, e sua relação com a língua oral português:

- (a) o processamento cognitivo espacial especializado dos surdos;
- (b) o potencial das relações visuais estabelecidas pelos surdos;
- (c) a possibilidade de transferência da língua de sinais para o português;
- (d) as diferenças nas modalidades das línguas no processo educacional;
- (e) as diferenças dos papéis sociais e acadêmicos cumpridos por cada língua,
- (f) as diferenças entre as relações que a comunidade surda estabelece com a escrita tendo em vista sua cultura;
- (g) um sistema de escrita alfabética diferente do sistema de escrita das línguas de sinais;
- (h) a existência do alfabeto manual que representa uma relação visual com as letras usadas na escrita do português.

Neste trabalho, assumimos a hipótese de que a L1 é o estado mental inicial na aquisição da L2. Nesse sentido, a aquisição do português (escrito) como L2 pela criança surda apresenta etapas ou fases. Analisaremos cada fase como um nível da ‘interlíngua’. Quadros e Schmiedt (2006, p. 34) afirmam que a interlíngua é um sistema diferente da L1, contudo também não é a L2, a língua alvo. No entanto, a interlíngua apresenta propriedades de uma língua natural, com regras próprias. Sendo assim, conforme Quadros (1997), a interlíngua não é um sistema confuso e desordenado, pois em muitos casos, os surdos apresentam hipóteses e regras que começam a estruturar uma outra língua, que já não é mais a primeira língua (L1), mas é diferente da língua alvo, pois está no processo de aquisição da segunda língua.

Diante do exposto, o presente estudo investiga as características da interlíngua do surdo, considerando a realização sintática do argumento locativo em predicados com verbos que apresentam movimento direcional na LSB, em oposição a predicados com verbos sem movimento direcional. Com essa investigação, buscamos demonstrar os efeitos (negativos e positivos) da interferência da L1.

A partir da análise do PB e da LSB, investigamos a hipótese da interferência da L1 (LSB) na aquisição do português (escrito) como segunda língua pelo surdo. Para tanto, analisamos as características da interlíngua, considerando a hipótese de que a

gramática da L1 é o estado inicial na aquisição da segunda língua, e desenvolvimento linguístico ocorre pelo acesso (parcial) à Gramática Universal (GU)/ *Universal Grammar* (UG). Conforme Chomsky (1986/ 1994), a teoria da GU estabelece as características do conhecimento linguístico inato do ser humano.

Os estudos têm verificado que os surdos recebem input linguístico do português (L2), principalmente na escola, e desenvolvem a interlíngua, a partir do estado mental inicial, que é a gramática da LSB (L1) e dos princípios da Gramática Universal, que é inata. Seguindo White (2003, apud SALLES; NAVES 2010), nossa hipótese de trabalho toma como referência os seguintes pressupostos, definidos a partir da investigação do processo de aquisição de segunda língua:

- ✓ O desenvolvimento do português (escrito) L2 ocorre em etapas – as fases da interlíngua;
- ✓ Essas etapas correspondem às fases da interlíngua e indicam a interferência da LSB (L1), que se manifesta de maneira positiva ou negativa nas etapas iniciais.
- ✓ Por hipótese, com a ampliação do acesso ao *input* linguístico, o conhecimento linguístico do aprendiz se torna mais próximo da língua alvo – português (escrito) L2.

Os estudos prévios da interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) escrito apontam que existe dificuldade particularmente em relação ao uso de preposições. A seguir, apresentamos os resultados do estudo de Mesquita (2008) e de Santana (XX)

Capítulo 2

Fundamentos da Teoria Gerativa e Aquisição de Português L2 (escrito) pelo Surdo

2.1. O programa gerativista

O programa gerativista é formulado por Noam Chomsky, tendo como base a hipótese de que a capacidade de falar uma língua é patrimônio genético da espécie humana. Nesse sentido, a hipótese do programa gerativista é que os seres humanos possuem uma faculdade da linguagem, alocada no cérebro. Nesse sentido, a faculdade da linguagem (FL) é um fenômeno biológico, que se manifesta como um estado da mente. No nível mental, o estado mental inicial é a Gramática Universal (GU). Por hipótese, a GU se organiza em módulos diferenciados para lidar com diferentes tipos de informação linguística.

Partindo dessa caracterização, a conclusão é que a capacidade de linguagem dos seres humanos é diferente dos sistemas de comunicação dos animais. Os animais realizam a atividade comunicativa para atingir determinado objetivo (alimentação, acasalamento, reação ao perigo), e por mecanismos fixos e previsíveis. Diferentemente, a linguagem humana apresenta características diferenciadas, conforme explicitam Miotto *et al.* (2013):

“Só os seres humanos são capazes de combinar itens de um conjunto de elementos segundo certos princípios básicos, que são em número finito, de modo a gerar um número infinito de sentenças novas: isto corresponde ao que chamamos de “aspecto criativo da linguagem.”

Na abordagem gerativista, conforme afirmam Quadros e Karnopp (2004), o conceito de língua pode ser abordado por dois pontos de vista: a língua externa e a língua interna. A língua externa se refere aos eventos de fala produzidos pelos falantes, e que são tomados como referência nas gramáticas tradicionais (GT). A língua interna está relacionada à noção de estrutura, definida por Otto Jespersen (1922, citado pelas autoras), como “a parte da sentença estável, livre das expressões que podem variar de falante para falante” (p. 25). Quadros e Karnopp (2004) acrescentam que essa noção de

estrutura é adotada por Chomsky para definir a língua interna, que se manifesta na mente humana.

A língua humana apresenta, portanto, propriedades específicas, que não são encontradas nos sistemas de comunicação de outros seres vivos, como: *flexibilidade e versatilidade* (possibilidade de expressar ideias, emoções, solicitar cooperação, dar ordens, fazer perguntas, fazer referência ao passado, presente, futuro e até mesmo a situações que não existem), *arbitrariedade* (a relação forma e significado não é tem conexão, sendo impossível prever o significado pela forma), *descontinuidade* (unidades mínimas estabelecem contraste de significado), *criatividade/ produtividade* (possibilita a construção e interpretação de enunciados novos), *dupla articulação* (o sistema linguístico é organizado em duas camadas, a das unidades fônicas e a das unidades de significado), *padrão de organização* (as combinações de unidades são sistemáticas, e obedecem padrões), *dependência estrutural* (a interpretação dos enunciados depende da estrutura em que ocorrem).

Conforme Quadros e Karnopp (2004), essas características são também encontradas nas línguas de sinais. Nesse sentido, é possível analisar a Língua de Sinais Brasileira, e todas as outras LS, como uma língua natural.

“Cabe salientar que a partir do início das pesquisas linguísticas nas línguas naturais nas línguas de sinais em torno dos anos 60 (Stokoe, 1960; Stokoe et al. 1965 [citados pelas autoras]), observou-se que o entendimento sobre línguas em geral e sobre línguas de modalidade visoespacial aumentou consideravelmente. (...) Reunindo algumas das características atribuídas às línguas naturais, especificadas anteriormente, pode-se dizer que uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza numa sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus /usuários.” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 29-30)

2.2. A teoria de Princípios e Parâmetros

Conforme mencionado anteriormente, de acordo com a hipótese gerativista, o comportamento linguístico dos indivíduos humanos deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo conhecido como Faculdade da Linguagem, uma capacidade inata ao ser humano, que permite o desenvolvimento e o uso de uma língua natural.

Para sustentar sua tese da existência da Faculdade da Linguagem, Noam Chomsky usa três argumentos:

- a) apenas a espécie humana adquire linguagem;
- b) a linguagem humana tem por base a propriedade da infinidade discreta;
- c) há “pobreza de estímulos” durante o processo de aquisição.

O estágio inicial da Faculdade de Linguagem equivale à chamada Gramática Universal (GU), termo que se deve à crença de que a capacidade de aquisição da linguagem verbal é comum à espécie humana e de que a criança pode adquirir qualquer língua humana, desde que seja exposta aos dados dessa língua.

Fazendo uma síntese da importante contribuição desse linguista, Salles; Naves (2010, p.20) observam que a hipótese da gramática universal (GU) é desenvolvida no âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros. Miotto et al. (2016) apresentam uma descrição da estrutura da GU, com base em Chomsky (1981; 1986), destacando que a GU se estrutura por meio princípios e parâmetros. Os princípios são propriedades universais, válidas para todas as línguas. Os parâmetros têm valores binários, que devem ser especificados/ fixados, no processo de aquisição da L1. Os princípios universais e os parâmetros fixados dão origem a uma língua particular. Dessa forma, a faculdade humana da linguagem compreende um estado mental inicial (S_n), designado Gramática Universal (GU) e um estado mental final (ou estável), que é a gramática particular de uma língua.

“A GU se constitui como a base para a aquisição de uma língua e consiste com um conjunto de princípios universais e altamente restritos, que contêm um arranjo finito de opções que a eles se aplicam – os parâmetros – cujos valores são especificados no processo de aquisição da língua, com base no input linguístico recebido. Nesse sentido, a gramática particular resulta da interação entre o estado inicial (comum à espécie humana) e a experiência, responsável por favorecer os dados de entrada (input) que, por sua vez, permitem ao falante apreender as propriedades específicas que definem o funcionamento da gramática da língua particular à qual é exposto – o estado final (S_n). O processo aquisição da uma língua natural pode ser assim esquematizado:

GU (S_n) + input → Gramática Particular (S_n)

A teoria da UG tem sido aplicada aos estudos de aquisição de segunda língua. Esses estudos têm verificado que os princípios da UG determinam o desenvolvimento da L2. Considerando tais estudos, torna-se possível avaliar como tal teoria pode ser aplicada ao estudo da aquisição da escrita do português por alunos surdos.

A seguir mostramos um exemplo de um princípio da GU. Mostramos uma sentença em que o controle de uma expressão-Referencial por um pronome não é permitido. Por hipótese, esse controle não é possível em nenhuma língua natural. O exemplo (1) mostra que existe a possibilidade de *ele* e *o Paulo* terem o mesmo referente, conforme (1a) (o índice/subscrito representa que o referente das duas expressões é o mesmo). No entanto, existe uma restrição estrutural, pois a correferência é agramatical no exemplo (1b).²

- (1) a. O Paulo_i disse que ele_i vai viajar.
b. *Ele_i disse que o Paulo_i vai viajar.

Como podemos observar, a sentença (1b) é impossível no português; e também continuará impossível se traduzida em qualquer língua natural. A conclusão é que a expressão referencial ‘o Paulo’ não pode estar ligada por antecedente, ou seja, tem de ficar livre.

É interessante notar que, em (2), verificamos que, em português, o sujeito pode ser nulo, e nesse caso, a correferência entre o pronome nulo e o sintagma *o Paulo* é obrigatória.

- (2) O Paulo disse que – vai viajar.

Mioto et al. (2016, p. 21) observam que se traduzirmos (1a) e (2) para o italiano temos (1a’) e (2’):

- (1a’) *Paolo há detto che lui viaggerà
(2’) Paolo ha detto che -- viaggerà

² Os exemplos (1a) e (1b) são gramaticais somente se a referência do pronome *ele* é disjunta, em relação a referência do sintagma *o Paulo*.

Se as sentenças são produzidas sem foco sobre o sujeito da oração subordinada, apenas a segunda expressa a relação de correferência entre a posição de sujeito nulo e o sintagma *Paolo*. A presença do pronome em (1a') exige que *Paolo* e *lui* tenham pessoas diferentes como referentes.

Se traduzimos ainda (1a) e (2) para o inglês, temos (1a'') e (2''):

(1a'') Paul has said that **he** will travel.

(2'') *Paul has said that ___ will travel.

O exemplo mostra um padrão diferente em relação ao português e ao italiano: apenas (1a'') aceita expressar a co-referência entre os dois sujeitos, com o pronome realizado. Já em (2'') o resultado gera uma sentença no inglês que é agramatical, porque a língua não aceita o sujeito nulo (parâmetro).

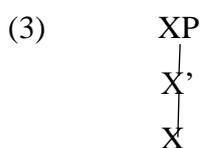
Dizemos que os dados dessas línguas apresentam de forma coerente um parâmetro que diz o respeito ao fato de sujeito poder ou não ser nulo nas sentenças finitas. Consideramos o parâmetro têm dois valores: o inglês apresenta o valor negativo do parâmetro (não apresenta sujeito nulo) e as outras línguas têm o valor positivo porque podem apresentar sujeito nulo. Por isso responderemos que a sentença em (2'') é agramatical porque mostra o valor negativo de **parâmetro do sujeito nulo**.

O conceito de gramática universal GU (UG, *do inglês Universal Grammar*) corresponde ao estágio inicial de uma criança que está adquirindo uma língua. Os parâmetros são aqueles valores que serão fixados no contato com o input linguístico. Existe um princípio que todas as sentenças finitas têm sujeito (**Princípio da Projeção Estendida**, que é abreviado como EPP). O EPP é associado ao Parâmetro do Sujeito Nulo, exemplificado com as sentenças de (1) a (3). Certamente nas línguas como o inglês, este sujeito é realizado fonologicamente sempre, enquanto no português, nem sempre o sujeito é pronunciado. Desse modo, o inglês apresenta o valor negativo; português o valor positivo. Começamos no estágio inicial da UG sem nenhum dos dois valores fixado, todavia na aquisição da L1, com o acesso ao *input* linguístico, os valores dos Parâmetros do Sujeito Nulo são fixados.

2.2.1. Teoria X- barra

De acordo com Miotto et al. (2016, p. 51), a Teoria X- barra é o módulo da gramática que mostra como um sintagma é estruturado, especificando a natureza do sintagma, as relações que se estabelecem em sua estrutura interna, e o modo como os sintagmas se organizam para formar a sentença. A Teoria X-barra é capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua, mas também apresenta a variação nas diferentes línguas.

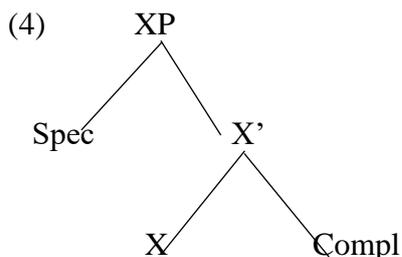
Um sintagma começa de um núcleo. Para representar esse princípio, usamos a variável X o que é principal e seu valor dependendo da categoria do núcleo do sintagma. Se a categoria for um nome, o valor X será N; se for um verbo, será V; se for preposição será P, e assim por diante. Este núcleo X vai determinar as relações internas aos sintagmas, que se estabelecem em dois níveis: o nível X' (que se lê "X linha") e o nível XP (onde P abrevia *Phrase* do Inglês, traduzido como sintagma), tal como representado em (4), conforme propõe Chomsky (1986) e sistematizado por Miotto et al. (2016):



(Miotto et al, 2016,52)

Em (3), X é uma categoria mínima, também representada como X⁰. Chamamos X' ao nível intermediário X; e XP é a projeção máxima de X.

Na projeção intermediária X', o núcleo pode estar relacionado com um complemento (Compl) e na projeção máxima pode estar relacionado com um especificador (Spec). Com um 'Compl' e o 'Spec', o esquema X-barra será uma árvore como (4):



(Miotto et al, 2016, p. 52)

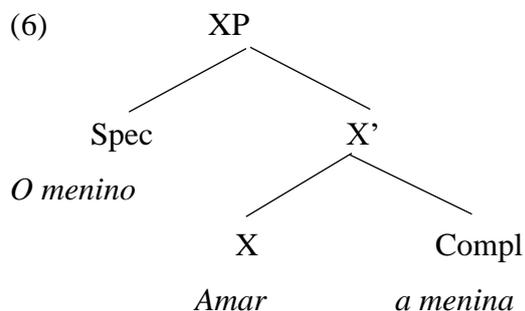
Segundo Mioto et al (2016, p. 52), a existência dos níveis de projeção máximo e mínimo é necessária: “o primeiro porque obviamente não pode existir um sintagma sem núcleo; o segundo porque não pode existir sintagma infinito”. A necessidade do nível intermediário é para indicar que um núcleo pode se combinar com um ou dois complementos. Quando combinamos o especificador com X’, se o núcleo exige um, o sintagma fica completo.

Para exemplificar, vamos considerar a sentença transitiva (5), a seguir:

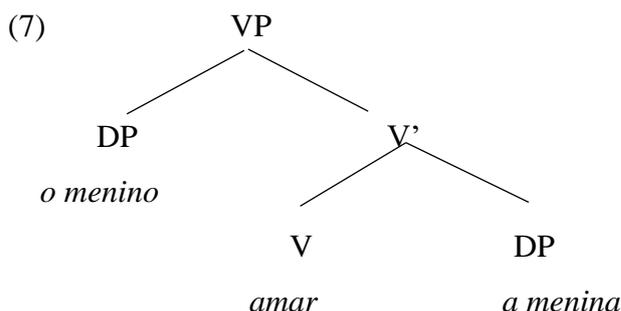
(5) [o menino amar a menina].

(Mioto, 2016, p.52 e 53)

Em (5), o verbo *amar* seleciona dois argumentos: *o menino*, o argumento externo, na posição de especificador do sintagma, e *a menina*, o argumento interno, na posição de complemento. Portanto, a expressão (5) pode ser considerada um sintagma: existe um núcleo ‘amar’, que descreve uma situação semântica que envolve dois argumentos. Então aplicando o esquema (4) à situação descrita em (5), temos (6):



Se a variável X corresponde à categoria V, então o nível intermediário é V’ e nível máximo é VP. Os argumentos *o menino* e *a menina* são realizados por um sintagma formado pelo nome *menino/ menina* (N) e pelo determinante (D) *o/a* – [DP *o/a* [NP *menino/menina*]]. Adotando o esquema X-barra, temos a estrutura (7):



Além das condições estruturais citadas, a formação dos sintagmas descreve relações rígidas, que permitem vincular os termos realizados na estrutura. Uma relação é a **dominância**, que definimos em (8).

(8) DOMINÂNCIA

*Alfa **domina** beta se e somente se existe uma sequência conexa de um ou mais galhos entre alfa e beta e o percurso de alfa e beta através dos galhos é unicamente descendente.* (Miotto et al. 2016, p. 55)

Para exemplificar, podemos usar a árvore (8): V' domina V *amar* e o DP *a menina*, mas não domina o DP *o menino*. VP domina todos os nós, e não é dominado por nenhum nó. Existe também a relação de *dominância imediata*: V' domina imediatamente o núcleo V *amar* e o DP *a menina*. O VP domina imediatamente o DP *o menino* e o V', mas **não** domina imediatamente V e o DP *a menina*. Finalmente, o DP *o menino* e V' são irmãos, e VP é o nó mãe dos dois.

Destacamos também a relação de precedência:

(9) PRECEDÊNCIA

Alfa precede beta se e somente se alfa está à esquerda de beta, e alfa não domina beta e beta não domina alfa. (adaptado de Miotto et al. 2016, p. 55)

Em (9), temos as seguintes relações de precedência: o DP *o menino* precede V', V (*amar*), o DP *a menina*, mas não precede o nó VP, porque VP domina o DP *o menino*. V precede o DP *a menina*, porque são nós irmãos.

Finalmente, destacamos a relação chamada de comando de constituinte, conhecida como *c-comando*, definida a seguir.

(10) C-COMANDO

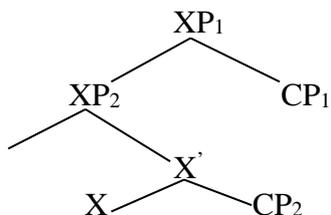
Alfa c-comanda beta se e somente se beta é o irmão de alfa ou se beta é dominado pelo irmão de alfa.

Se alfa e beta são irmãos, então o c-comando é **simétrico**; se beta é dominado pelo irmão de alfa, então o c-comando é **assimétrico**. Considerando o exemplo (8), a relação de c-comando é a seguinte: o DP *o menino* c-comanda V', e esse c-comando é **simétrico**; o DP *o menino* c-comanda os dois filhos de V', e esse c-comando é **assimétrico**.

Adjuntos

Os adjuntos são sintagmas que não participam da estrutura argumental do predicado. Observamos que a representação do adjunto sempre implica a duplicação da categoria que com ele está relacionada.

É importante saber se um sintagma é pendurado como complemento ou adjunto na árvore que corresponde a sua representação. A seguir, apresentamos a estrutura básica do adjunto, conforme Miotto et al. (2016, p. 56).



2.2.2 Categorias lexicais e funcionais

Vimos na seção anterior que a variável X é o núcleo do sintagma, e o nível intermediário e o nível máximo são relações estabelecidas a partir do núcleo – princípio de endocentricidade. “Os núcleos dos sintagmas, que são colocados à disposição da sintaxe pela morfologia, podem ser de natureza lexical ou funcional” (MIOTTO ET AL. 2016, p. 56)

De acordo com Chomsky (1986), os núcleos podem ser definidos pela combinação de dois traços: o traço nominal [N] e o traço verbal [V], que se manifestam com os valores positivo (+) ou negativo (-). Exemplificamos com o quadro a seguir a combinação de traços e valores, que nos fornece as quatro possibilidades ilustradas no Quadro 1 (extraído de MIOTO ET AL. 2016, p. 58):

Quadro 1: Núcleo lexicais

| | [+N] | [-N] |
|------|----------|------------|
| [-V] | Nome | Preposição |
| [+V] | Adjetivo | Verbo |

De outra forma, podemos dizer que as categorias lexicais são definidas como a seguir:

- Nome (N): [+N]; [-V]
- Verbo (V): [+V]; [-N]
- Adjetivo (V): [+V]; [+N]
- Preposição (P): [-N]; [-V]

Uma propriedade estabelecida das categorias lexicais é a capacidade que seus membros têm de selecionar semanticamente (s-selecionar) seus argumentos. Dessa forma, por exemplo, o verbo ‘amar’ é um núcleo lexical que s-seleciona seus argumentos. Assim, ‘amar’ seleciona os argumentos ‘João’, como o que ama, e tem relação semântica com ‘Maria’, como o que é amado. Portanto, o verbo amor s-seleciona seus argumentos. Seguindo esse exemplo, é possível demonstrar que os adjetivos, os nomes e as preposições são capazes de fazer o mesmo. Por isso é lícito (legítimo) mostrar tais categorias como membros da classe dos núcleos lexicais.

Dessa forma, seguindo o modelo X-Barra, temos as seguintes projeções:

Quadro 2: Projeção sintagmática dos núcleos funcionais

| NP | AP | VP | PP |
|----|----|----|----|
| | | | |
| N' | A' | V' | P' |
| | | | |
| N | A | V' | P |

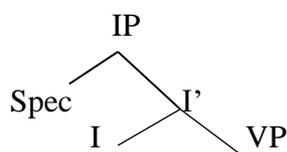
Neste trabalho, investigamos especialmente a categoria lexical P (preposição). Nossa hipótese é que a categoria P ocorre nas línguas de sinais (LS), e em particular a LSB. No entanto, essa categoria pode se manifestar por um sinal-morfema independente ou por um morfema presa na estrutura do sinal, em particular do verbo. Essa questão será retomada no Capítulo 3.

As categorias funcionais estão disponíveis no dicionário mental da GU. Por hipótese, a estrutura das categorias funcionais é determinada pela Teoria X-barras. As categorias funcionais não selecionam argumentos. Portanto, sua ocorrência na estrutura oracional é determinada por seleção de constituinte (*seleção-c*). Um exemplo de categoria funcional é a flexão verbal, que participa da relação de concordância com o DP sujeito. Nesse sentido, a concordância verbal é a identidade dos traços número-possíveis do DP e da flexão: se o DP sujeito é de terceira pessoa do plural, o verbo deve manifestar a flexão de terceira pessoa.

“Os núcleos funcionais têm função eminentemente gramatical e em muitas línguas não raro podem se apresentar como afixos; um exemplo é a flexão verbal em português. No limite, um núcleo funcional pode mesmo ser nulo.” (MIOTO ET AL. 2013, P. 60)

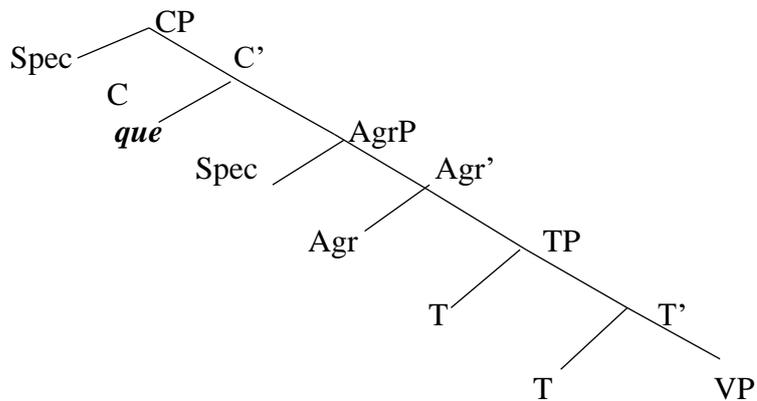
Aplicando o esquema X-barras, o núcleo flexão (do inglês, *inflection* (I)) é uma categoria funcional. Por sua relação com a concordância, a seleção-c do núcleo I é o sintagma verbal (VP), que ocorre na posição de Compl do IP. A posição Spec é reservada para o DP sujeito, conforme ilustrado a seguir.

(11)



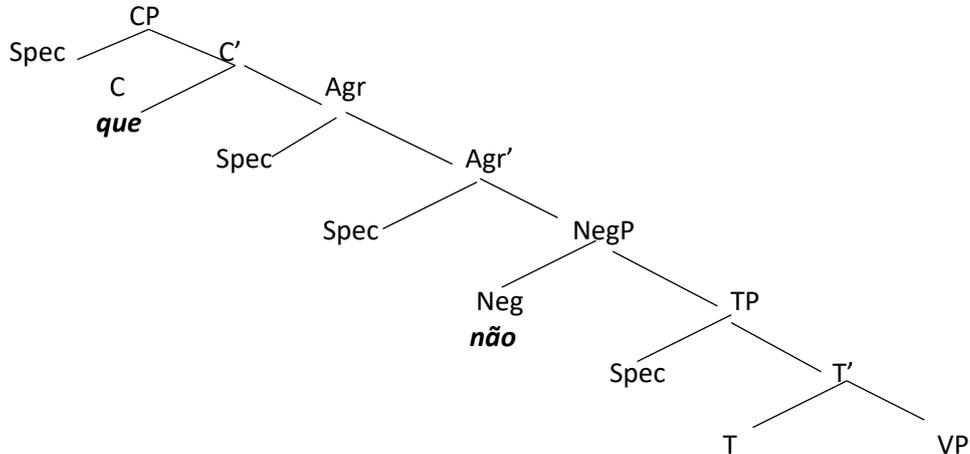
Acima do IP, ocorre a categoria C. Em português, essa categoria é associada ao complementizador *que*, que introduz a oração subordinada, conforme ilustrado em (13), extraído de Miotto et al. (2013, p.31).

(12) A Maria viu *que* [que os meninos chegaram]



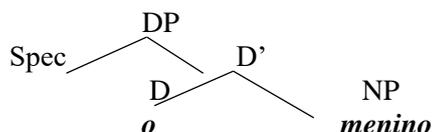
O núcleo funcional negação (NEG) indica a polaridade negativa da sentença, e é selecionado pela categoria funcional I.

(13) Os meninos não chegaram



Finalmente, citamos o núcleo funcional D, que seleciona o constituinte NP, atuando sintaticamente como uma categoria semelhante ao IP em relação ao VP: “o D constrói a referencialidade do NP, conferindo-lhe estatuto de argumento.” (MIOTO ET AL., 2013, p. 64).

(14) [o menino]



2.2.3 Ordem básica na LSB

Conforme as autoras Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995), existe grande flexibilidade na ordem das sentenças na língua de sinais brasileira (LSB). As autoras estudam as várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças. No entanto, elas percebem que existe a ordem básica, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto.

O estudo de Quadros (1999) mostra que a estrutura da frase na LSB pode ser alterada por diferentes fatores. Na análise, a autora comprova que a LSB possui orações simples, orações complexas contendo orações subordinadas, e a ordem pode ser alterada pela interação com advérbios, com modais e com auxiliares. A análise de Quadros (1999) está sintetizada na obra de Quadros; Karnopp (2004, p. 139-156). Apresentamos a seguir alguns aspectos dessa análise da LSB.

- (i) todas as frases com a ordem SVO são gramaticais.

(15) IX GOSTAR FUTEBOL

‘El@ gosta de futebol.’

(exemplo de Quadros; Karnopp 2004, p. 140)

De acordo com Quadros; Karnopp (2004, p. 140), existe relação entre a flexibilidade da ordem e as construções com concordância em ASL [*American Sign Language*]. As autoras acrescentam que esse padrão é encontrado na LSB, conforme podemos verificar a seguir.

- (ii) as ordens OSV e SOV ocorrem somente quando há alguma coisa a mais na sentenças, como a concordância e as marcas não-manuais.

- (16) a. <TVb>do <IXa>do <aASSISTIRb>do (OSV)
- b. <IXa>do <TVb>do <aASSISTIRb>do (SOV)

- c. *TVb IXa aASSISITIRb
'El@ assiste televisão'

- (17) a. FUTEBOL <IX>do <GOSTAR>do (OSV)
b. <IX>do FUTEBOL <GOSTAR>mc
c. *FUTEBOL IX GOSTAR (OSV)
'El@ gosta de futebol'

(iii) construções SOV e OSV associadas a marcas não-manuais não ocorrem, se houver uma estrutura complexa na posição de objeto.

- (18) a. EU ACHAR [MARIA <aIR-EMBORAloc>do
'Eu acho que Maria foi embora.'
b. *[[MARIa aIR-EMBORA] ACHAR

(iv) os advérbios temporais e de frequência não podem ocorrer entre o verbo e o objeto. "Isso é considerado mais um argumento para conceber a ordem SVO como básica na língua." (p. 143)

- (19) *JOÃO COMPRAR ONTEM CARRO.

De acordo com Quadros; Karnopp (2004, p. 143), os advérbios temporais ocorrem antes ou depois da oração, enquanto os advérbios de frequência podem ocorrer antes ou depois do complemento verbal.

(v) a topicalização muda a ordem das frases.

"A topicalização está associada à marcação não-manual com a elevação das sobrelhas (...) A marca de tópico associada ao sinal topicalizado é seguida por outras marcas não-manuais, de acordo com o tipo de construção. (...) pode ser uma marca não-manual de foco, de negação, interrogativa." (p. 146)

(vi) as construções com foco incluindo verbos sem concordância podem derivar estruturas SOV

As construções com foco apresentam constituintes duplicados dentro da mesma oração. Como na ASL, a LSB apresenta construções 'duplas' com verbos,

advérbios, modais, quantificadores. O foco é gerado quando há uma informação marcada. “Gramaticalmente, essa informação está associada a um traço de foco que licencia o apagamento da cópia.” (p.153) A seguir ilustramos a construção SOV, que na verdade é S(V)OV.

- (20) EU ~~PERDER~~ LIVRO <PERDER>mc
 ‘Eu **perdi** o livro.’

A assimetria entre as construções com verbos sem concordância (TER, AMAR, CONHECER) e verbos com concordância (ENTREGAR, AJUDAR) é confirmada com a análise dos verbos auxiliares. Conforme Quadros; Karnopp (2004), os primeiros exigem argumentos explícitos, pois não há marca alguma no verbo nos argumentos da frase. Os verbos com concordância estão associados a marcação não-manuais e ao movimento direcional. De acordo com Bellugi e Klima, 1979; Liddel, 1980 (apud et el Quadros, 2004, pág. 157) reconhecem as assimetrias morfológicas entre esses verbos em línguas de sinais. Vejamos essas assimetrias, em LSB, conforme Quadros (2004, p. 158-169).

- (i) As sentenças contendo verbo com concordância mostram mais liberdade na sua ordenação do que verbos sem concordância.

- (21) a. <MARIAb>do <JOÃOa aOLHAR>do (OSV)
 ‘João olhar para a Maria.’
 b. *MARIA <JOÃO GOSTAR> (OSV)
 ‘João gosta da Maria.’

- (ii) É obrigatório mostrar marcas não-manuais nos verbos com concordâncias, mas é possível escolher (opcional) mostrar ou não nos verbos sem concordância.

- (22) a. JOÃO <GOSTAR MARIA>do
 b. JOÃO GOSTAR MARIA
 c. *JOÃO <MARIA GOSTAR>do

- (23) a. JOÃO <aAJUDARb MARIA>do
 b. <JOÃO>do <MARIA>do <aAJUDARb>do

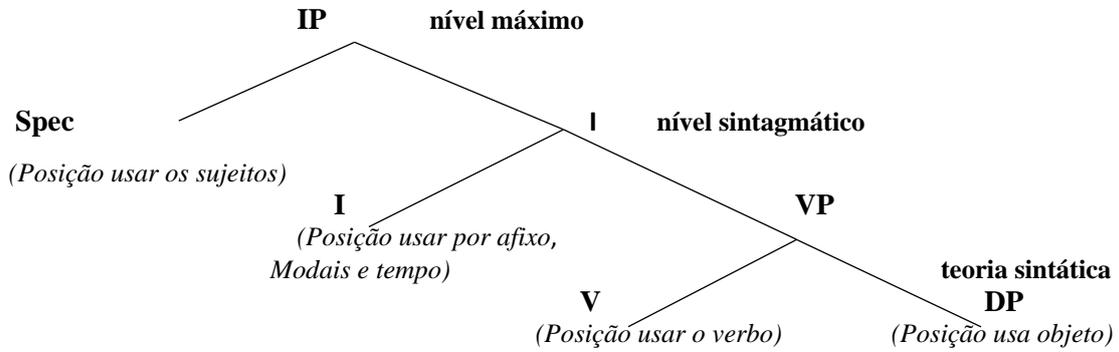
- c. ??JOÃO aAJUDARb MARIA
- (iii) argumentos nulos ocorrem em sentenças que tem verbos com concordância em oposição as sentenças que tem verbos sem concordância.
- (24) a. AMANHÃ <aDARb>do LIVRO
‘Amanhã (você) dará o livro (a el@)’
- b. <AMANHÃ> IXa CONVERSAR IXb
‘Amanhã el@ conversa com ele.’
- c. *AMANHÃ CONVERSAR
- d. AMANHÃ <IXa>do <CONVERSAR> <IXb>do
- e. *AMANHÃ <CONVERSAR>do
- (iv) a distribuição da negação é diferente em sentenças com verbos com e sem concordância. Vejamos as sentenças, conforme Quadros (2004, p. 161-162).
- (25) a. JOÃOa <NÃO aDARb LIVRO>n
‘João não deu o livro para (el@)’
- b. *JOÃO <NÃO GOSTAR CARRO>n
‘João não gosta do carro.’

Considerando o auxiliar na língua sinais de brasileira, Quadros; Karnopp (2004, p. 163) constatam que, na LSB, “o auxiliar é uma expressão pura de concordância estabelecida através do movimento de um ponto ao outro (estes pontos compreendem o sujeito e o objeto da sentença). Não é um item lexical independente, mas um item que deve ser sinalizado junto com um verbo sem concordância. (...) O auxiliar é exigido somente quando houver ordenações que não sejam SVO.” (p.163) Por isso as sentenças contendo um auxiliar precisam da direção do olhar (do) acompanhando a direção do movimento.

Considerando as propriedades citadas, por hipótese, os verbos sem concordância recebem a flexão no nível fonológico, enquanto os verbos com concordância são inseridos flexionados no processo de derivação. Por essa razão, Quadros; Karnopp (2004) apresentam a estrutura da sentença da LSB, de acordo com o tipo de verbo.

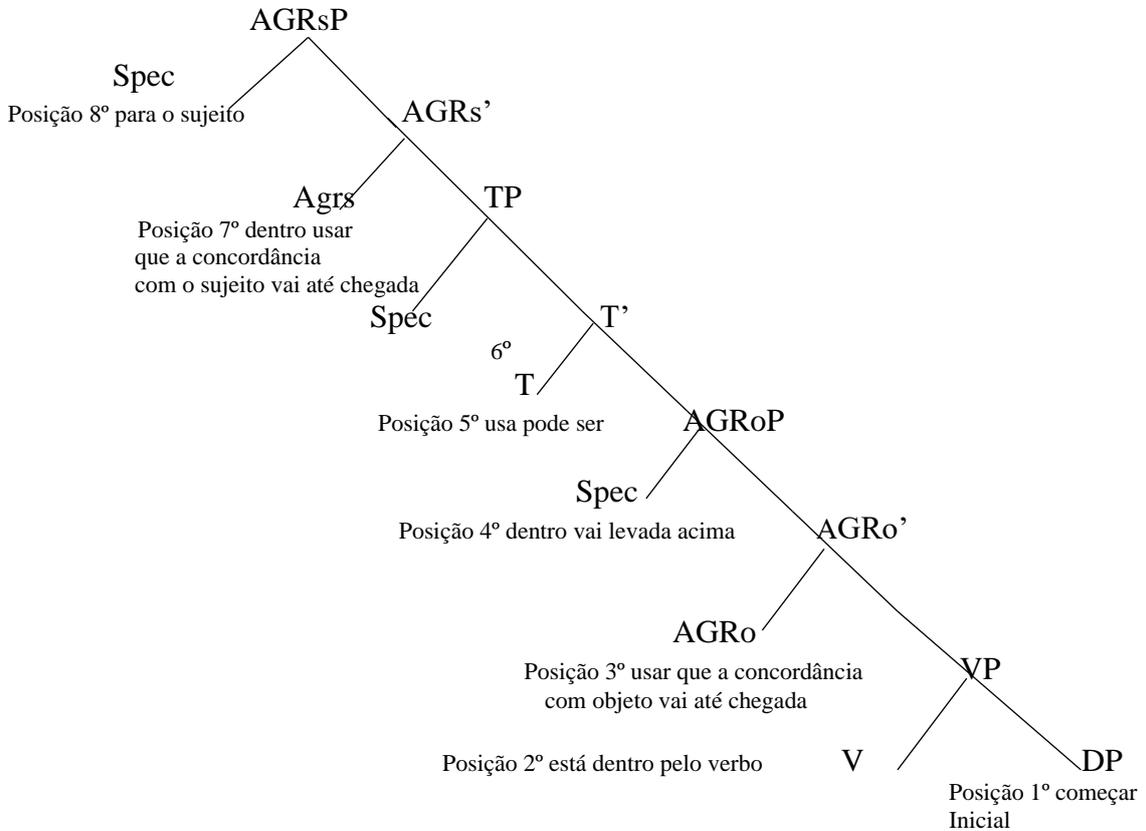
Estrutura da frase com verbos sem concordância

(26)



Estrutura da frase com verbos com concordância

(27)



Capítulo 3

Argumentos locativos em LSB: o caso oblíquo e o uso do espaço

3.1 A teoria do Caso

Na tradição gramatical, o caso é uma categoria que se relaciona à função sintática, por meio de marcas morfológicas nos itens lexicais ou nos constituintes. No quadro teórico gerativista, a teoria do Caso é o módulo da gramática universal (GU) que define como os sintagmas nominais ocorrem na estrutura oracional. Em termos minimalistas, o Caso é um traço formal da categoria nominal, que deve ser eliminado no contexto estrutural de uma relação de concordância entre um núcleo lexical e um núcleo funcional (Chomsky 1986, 1995). Nessa análise, o Caso é uma categoria formal, abstrata, que se distingue do caso semântico, que

Na presente análise, investigamos o licenciamento do argumento como um tipo de caso oblíquo. De acordo com Miotto et al. (2016, p. 169), o caso é uma categoria da gramática que tem as regras definidas na teoria linguística gerativa como uma propriedade formal e abstrata. Dessa forma, é preciso fazer um contraste com os outros sentidos associados a esta categoria, por exemplo sua relação com as classes verbais. Por essa razão, o Caso abstrato é escrito com letra maiúscula para evitar confusão com outros tipos de “caso”.

Assim, a noção semântica de caso se refere ao papel que o argumento representa na relação estabelecida pelo núcleo lexical do sintagma: AGENTE, TEMA, INSTRUMENTO, LOCATIVO e alguns outros. Considere o exemplo da sentença (1), do português, citada por Miotto et al. (2016, p. 169), e a comparação com a mesma sentença em LSB (2).

(1) O Veterinário operou o porco com uma faca no chiqueiro.
AGENTE TEMA INSTRUMENTO LOCATIVO

(2) VETERINARIO OPERAR-CL_{INSTR} CHIQUEIRO_{LOC} PORCO
AGENTE INSTRUMENTO LOCATIVO TEMA

Ilustramos a seguir o verbo ‘OPERAR-CL_{INSTR}’. Observe que o corpo (tórax-abdômen) é usado como ponto de articulação (PA). Comparamos com o verbo ‘CORTAR-CL_{INSTR}’, em que a mão dominante realiza o verbo e o classificador e a mão não dominante é um classificador, que realiza o objeto cortado (por exemplo, uma folha de papel).



Figura 1: OPERAR-CL_{INSTRU}



Figura 2: CORTAR-CL_{INSTRU}

(Calixto, 2019)

Em português e em LSB, temos sintagmas que realizam os papéis temáticos AGENTE, TEMA, INSTRUMENTO e LOCATIVO. Em português, os sintagmas ‘com a faca’ e ‘no chiqueiro’ têm a preposição ‘com’ e ‘em’, que descrevem o instrumento e o lugar. Em LSB, o instrumento é marcado no verbo com um classificador (cl), e o locativo é marcado como um ponto neutro no espaço de sinalização.

Como será demonstrado, o Caso abstrato pode se sobrepôr ao caso semântico. Conforme Mioto et al. (2017, p. 169)

“Embora haja intersecção entre os dois conceitos, apenas caso morfológico supõe a existência de um paradigma de morfemas associados aos diferentes casos. Certas línguas manifestam esta morfologia, mas não todas.”

O latim é uma língua que manifesta um paradigma rico de morfemas que pertencem aos diferentes casos. Na sentença a seguir, os morfemas de caso correspondem ao caso Nominativo (NOM) e acusativo (ACC), e podem ser isolados nas sentenças em (3):

- (3) a. Puer puellam amat
 meninon_{NOM} menina_{ACC} ama
 “O menino ama a menina”
- b. Puella puerum
 menina_{NOM} menino_{ACC}
 “A menina ama o menino”

Por exemplo, em (3a) e (3b), o sintagma nominal que ocorre na posição de objeto direto e de sujeito manifesta as formas *puellam* e *puella*. Na forma *puellam*, o morfema *-(a)m* marca o caso acusativo, que corresponde à função sintática de objeto direto. Na forma *puella* corresponde ao caso nominativo e apresenta o morfema \emptyset (contrastando com a presença do morfema *-m* do acusativo), que corresponde à função sintática de sujeito. Da mesma forma, na forma *puerum*, o morfema *-(u)m* marca o acusativo, e na forma *puer*, o morfema \emptyset marca o nominativo.

Como podemos observar nas sentenças do português em (3a) e (3b), não existem morfemas para marcar a função sintática de sujeito e de objeto, pois as formas *menino* e *menina* não se modificam na posição de sujeito e de objeto. Na LSB, as formas MENINO e MENINA não se modificam na posição de sujeito e de objeto, conforme ilustrado em (4).

- (4) a. MENINO_{NOM} AMAR MENINA_{ACC}
 b. MENINA_{NOM} AMAR MENINO_{ACC}

Dessa forma, “a noção de Caso abstrato, uma noção mais geral do que caso morfológico, e universal já que sua existência é postulada para qualquer língua natural” (MIOTO et al. 2016, p. 172). As línguas variam em relação à presença de marcas morfológicas para indicar as funções sintáticas.

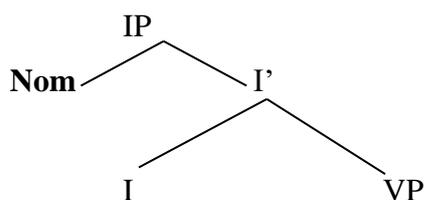
Conforme Miotto et al. (2016, p. 172), a teoria do Caso tem por objetivo estabelecer:

- “Quantos e quais são os Casos abstratos;
- Quais são os elementos que atribuem os Casos abstratos;
- Quais são os sintagmas que os recebem;

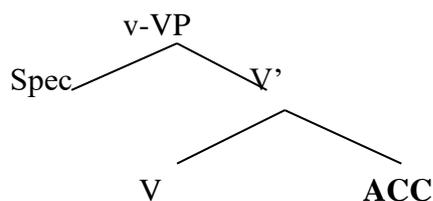
- Quais as formas de atribuição de Caso;
- Quais os princípios que regulam a atribuição de Caso.”

Por hipótese, os tipos de Caso são: o nominativo (NOM), o acusativo (ACC) e o oblíquo (OBL). Esses casos são atribuídos na estrutura oracional, em determinadas contextos sintáticos, conforme indicado a seguir. Tomamos por base a exposição de Miotto et al. (2016), incluindo alguns pressupostos minimalistas, conforme Chomsky (1995). Em particular, assumimos que o Caso (abstrato) é um traço formal do nome. O traço de Caso é licenciado por uma relação de concordância (Agree) com um núcleo funcional: I, para o nominativo, v-V, para o acusativo. O Caso oblíquo é licenciado por P, que pode ser funcional ou lexical.

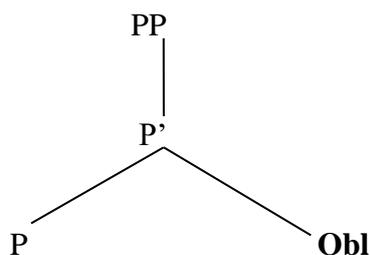
(5) NOMINATIVO (extraído de Miotto et al. 2016, p. 176)



(6) ACUSATIVO (adaptado de Miotto et al. 2016, p. 174)



(7) OBLÍQUO (extraídos de Miotto et al., 2016, p.174)



3.2. O Caso oblíquo na LSB: a preposição e o uso do espaço na realização do caso locativo

Conforme Mesquita e Salles (2010, p.73), estudos voltados para a descrição da línguas de sinais, em particular a LSB, mostram que os sinais realizam categorias como nome, verbo, adjetivo e advérbio, como em línguas como o português. No entanto, o uso de preposições é mais restrito em línguas de sinais. Desse forma, preposições da LSB são identificadas como: *após, até, em, com, em, para, sem, sob, sobre*, citadas por Fernandes (2003). Felipe (1998; 2001) também identifica sinais equivalentes às preposições do português: *até, com, contra, para, sem, sob*.

Mesquita (2008) e Mesquita; Salles (2010) observam que os sinais em LSB podem corresponder a algumas preposições do português conforme estão citadas nos dicionários, como o de Capovilla & Raphael (2001). No entanto, no dicionário, não recebem classificação quanto à categoria gramatical. No seu registro no dicionário citado, são encontrados sinais correspondentes às preposições ‘*até*’, ‘*com*’, ‘*contra*’, ‘*para*’, ‘*sem*’, ‘*sob*’, ‘*sobre*’. Em (15a), transcrevemos um exemplo com a preposição ATÉ da LSB, que corresponde ao uso da mesma preposição do português. Em (15b), ilustramos a preposição ATÉ, conforme citada no dicionário:

- (8) a. QUANT@-HORA TREM SÃO PAULO ATÉ RIO?
‘Quanto tempo é o trem de São Paulo até o Rio?’.
(Salles et al., 2002: 60 *apud* Felipe, 2001: 72)

b.

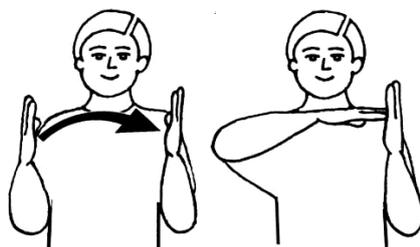


Figura 3: O sinal ATÉ em LSB (Capovilla & Raphael, 2005, pag.48)

Segundo Fernandes (2003, apud Mesquita & Salles (2010), p. 165), no entanto, esses sinais parecem ser uma influência do português sinalizado (um sistema de comunicação artificial que utiliza os sinais da LSB com a estrutura do português). Fernandes (2003) afirma que os surdos utilizam esses sinais somente quando se comunicam com ouvintes.

O estudo de Mesquita (2008) tem por objetivo verificar se a categoria ‘preposição’ é encontrada na LSB, tendo em vista a hipótese da interferência da L1 na aquisição de português L2. Diante disso, a presença da categoria P na L1 seria evidência para a existência na LSB de uma categoria transitiva que seleciona um antecedente e um conseqüente. Conforme mencionado no Capítulo 1, essa hipótese também é investigada no presente estudo, em relação às preposições introdutoras de argumentos locativos na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) escrito.

Conforme Mesquita; Salles (2010, p. 166),

“tais sinais [‘até’, ‘com’, ‘contra’, ‘para’, ‘sem’, ‘sob’, ‘sobre’] parecem ocorrer exatamente nos contextos correspondentes ao das preposições lexicais do português. Caracterizam-se por apresentar autonomia semântica e por selecionar o argumento na posição de complemento. Isto não significa, contudo, que todas as preposições lexicais que não possuem um sinal correspondente – como na configuração que corresponde à semântica de instrumento. Diferentemente, as preposições gramaticais do português não possuem correlato em LSB. No entanto, outros recursos morfológicos (como o movimento, por exemplo) podem ser utilizados para substituí-las.”

Apresentamos a seguir a ilustração de alguns sinais da LSB, que correspondem a preposições, conforme citadas em obra lexicográfica, com sentenças em que poderiam ocorrer em LSB, criadas por esta autora.

(9) a. ATRÁS/ Atrás

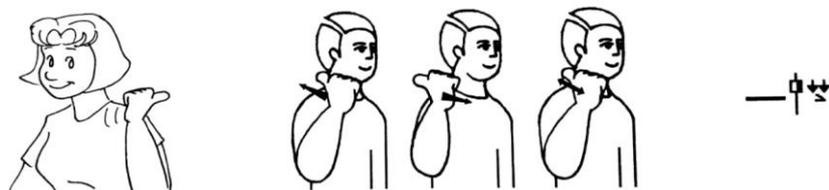


Figura 4: o sinal Atrás/ ATRÁS
(Capovilla & Raphael, 2005 pag.59)

b. POR FAVOR ENTRE ATRÁS FILA

(tradução minha)

‘Por favor, entre atrás da fila.’

(10) a. FRENTE/ Em frente



Figura 5: o sinal em frente / FRENTE
(Capovilla & Raphael, 2005 pag.57)

b. IX3p VIVO FRENTE PRÉDIO

(tradução minha)

‘Eles estão em frente ao prédio.’

(11) a. DENTRO/ Dentro



Figura 6: o sinal Dentro/ DENTRO
(Capovilla & Raphael, 2005 pag.57)

(11) b. CACHORRO DENTRO CASA

(tradução minha)

‘O Cachorro está dentro de casa’.

(12) a. FORA / Fora



Figura 7: O sinal de Fora
(Calixto, 2019)

b. CHUVA FORA CASA

(tradução minha)

‘Está chovendo fora de casa’

Segundo as autoras explicam, as preposições marcadoras de Caso não selecionam argumento, mas selecionam categorialmente o complemento. Por essa razão, são consideradas como um núcleo funcional. As preposições funcionais são encontradas em português, conforme ilustrado em (13).

- (13) a. Plantação de cana.
b. *Plantação cana.

Nos dados em (16a) e (16b), o complemento ‘cana’ é selecionado pelo nome ‘plantação’, e a ausência preposição no mapeamento sintático da relação entre o núcleo e seu argumento torna a sentença agramatical. Assim, a preposição ‘de’ funciona como classe gramatical que pode ser comparada às marcas morfológicas de caso (genitivo) em várias línguas (como o latim).

A LSB não utiliza a preposição funcional, nesse contexto, conforme (14).

(14) ÁRVORE-PL CANA

Outro contexto em que a preposição funcional ocorre em português, e substitui o caso morfológico em outras línguas (como o latim), é o caso dos verbos como ‘dar’, ‘perguntar’, que selecionam o argumento interpretado como ‘meta’/ ‘receptor’. Na LSB, esses verbos são considerados verbos de concordância (QUADROS; QUER, 2010). Conforme essa análise, o argumento com papel temático de alvo, que em português se realiza por meio das preposições ‘a’ ou ‘para’, em línguas de sinais tal função é marcada por meio do movimento direcional.

Um exemplo de verbo de concordância é PERGUNTAR: o argumento externo e o argumento interno do verbo, representados pelo sujeito e pelo objeto (indireto) são relacionados pelo movimento direcional. O movimento direcional está ilustrado em (15b), com seta (→).

- (15) a. 1s PERGUNTAR 2s
‘Eu pergunto para você.’

(15b)

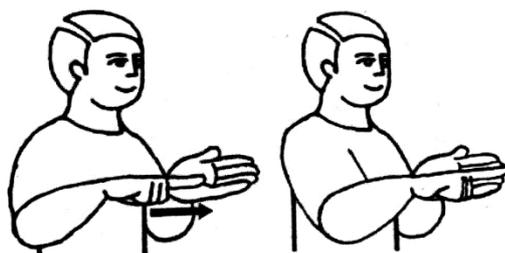


Figura 8: O sinal PERGUNTAR (Capovilla & Raphael, 2001, p.1033)

Conforme Meir (2002, *apud* MESQUITA; SALLES, 2010, p. 174), o movimento direcional (DIR) licencia os argumentos da oração. Esse movimento ocorre nos chamados verbos com concordância em LSB, conforme afirmam as autoras Ferreira-Brito, 1995; QUADROS & KARNOPP, 2004). Esses verbos marcam propriedades de número e pessoa na estrutura do sinal, referentes aos argumentos selecionados. Nesse aspecto, distinguem-se dos verbos simples (sem concordância), que não marcam tais propriedades.

Na análise de Meir (2002), os verbos com concordância apresentam a seguinte estrutura: a raiz (a configuração de mão), um afixo verbal (a orientação da mão) e um morfema direcional (o movimento). A orientação da mão é responsável pela função sintática, pois a palma está voltada para o argumento que marca o objeto e pode ser considerada como a marcadora do caso dativo. Já o morfema direcional (DIR), é responsável por marcar o papel temático: o ponto inicial do movimento marca o papel temático de fonte, enquanto o ponto final marca o papel de meta (cf. (15a) e (15b)). A hipótese de Meir (2002) é adotada no estudo de Mesquita (2008; 2019) em relação aos argumentos dativos de verbos de concordância em LSB e será estendida e adaptada, na presente análise, para sintagmas locativos na LSB.

Seguindo Quadros; Karnopp (2004) e Calixto; Salles (2018), adotamos a hipótese de que argumentos locativos selecionados pelos verbos ‘espaciais’, como COLOCAR, IR, CHEGAR, são licenciados por um afixo que marca o sintagma locativo pelo movimento na estrutura do verbo, conforme ilustrado a seguir. Nesse caso, a presença do afixo locativo é determinada pela presença do traço lexical de transferência na estrutura do predicado.

(16) a.

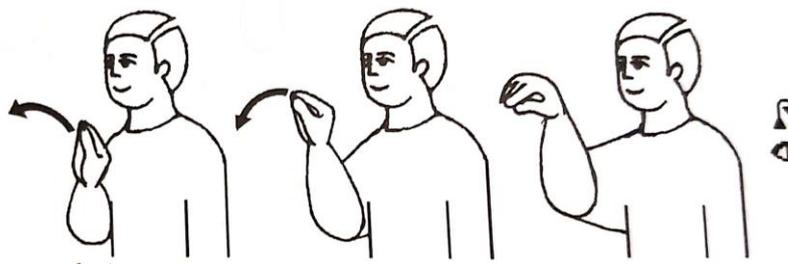


Figura 9: O sinal COLOCAR (Capovilla & Raphael, 2008, p.430)

b. PROFESSOR COLOCAR_x CHAVE GAVETA_x

‘O professor colocou a chave na gaveta.’

Em predicados sem o traço de transferência, o sintagma locativo é licenciado por um localizador (LOC), que pode ser o ponto de articulação (PA) no corpo do sinalizador ou um ponto no espaço (neutro) de sinalização (geralmente na frente do sinalizador), conforme ilustrado com o sintagma locativo ‘BAR’, em (17b).

(17) a. JOÃO BAR-LOC_{PA}



Figura 10: o sinal BAR

Nesse sentido, concluímos que a LSB não possui uma categoria funcional que corresponde à preposição do português. No entanto, a estratégia que licencia os sintagmas locativos na LSB pode ser considerada um efeito da modalidade visoespacial: o uso do espaço de sinalização (afixo de movimento) e o uso do corpo.

Em relação às preposições lexicais, é possível verificar sua ocorrência nas LS. A preposição lexical s-seleciona, ou seja, faz a seleção-semântica de seu complemento, conferindo papel temático de ‘tema’. Vamos considerar o exemplo a seguir:

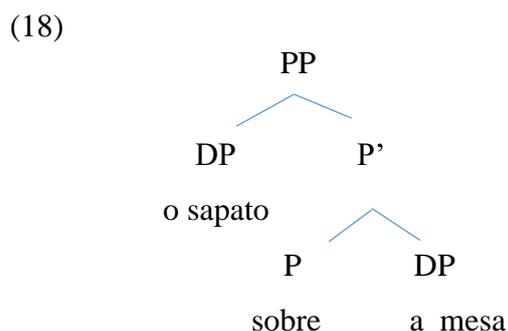
- (18) a. Maria desmaiou [PP sobre a mesa].
 b. *Maria desmaiou [PP sobre a quinta-feira].
 c. Maria desmaiou [PP na mesa].
 d. Maria desmaiou [PP na quinta-feira]
 (Santana, 2015 apud Miotto et al, 2004, 82)

Os exemplos mostram que, em português, ‘sobre’ e ‘em’ são preposição lexicais, mas ‘sobre’ s-seleciona o argumento ‘a mesa’, que descreve um lugar como complemento; já ‘em’ [em+a=na] s-seleciona tanto o argumento ‘mesa’, que descreve um lugar, quanto o argumento ‘quinta-feira’, que descreve um ponto no tempo. Portanto, a sentença (16b) é agramatical porque o argumento ‘quinta-feira’ não pode ser utilizada nesta frase, porque não satisfaz o requisito semântico determinado pelas propriedades lexicais da preposição ‘sobre’.

Verificamos que, como no português, a preposição ‘SOBRE’ e ‘SOB/EMBAIXO’ na LSB s-seleciona o argumento ‘MESA’, que descreve um lugar (17a-b), mas não seleciona o argumento que descreve o tempo (17c).

- (19) a. SAPATO SOBRE MESA ERRADO
 ‘O sapato sobre a mesa é errado’
 b. SAPATO EMBAIXO MESA CERTO
 ‘O sapato embaixo da mesa é certo’
 c. *SAPATO EMBAIXO QUINTA-FEIRA CERTO
 *O sapato embaixo da quinta-feira é certo

Nesse sentido, a preposição lexical seleciona dois argumentos (seleção-s): o argumento ‘SAPATO’ e o argumento interno ‘MESA’, na posição de complemento, conforme ilustrado na projeção PP.



No entanto, o PP ocorre na estrutura do predicado para formar a estrutura oracional. Nesse contexto, o PP pode ser um argumento do predicado ou um adjunto na estrutura oracional.

Se um constituinte tem a forma de um PP e a função de argumento, a preposição que o encabeça vai ser do tipo funcional: ela não contribui para fixar o papel semântico do seu complemento. Se, por outro lado, o constituinte tem a forma PP e função de adjunto, a preposição que o encabeça vai ser do tipo lexical: o papel semântico de seu argumento vai ser fixado por ela.

(Mioto et al, 2004, 97 *apud* Santana, 2015, 71)

3.3.1 Verbos de movimento e argumentos locativos no português brasileiro e na Língua de Sinais Brasileira

Os verbos de movimento se dividem em dois grandes grupos: verbos de deslocamento, que aqui denominaremos verbos de *trajetória*, e verbos de *modo de movimento*. Os estudos mostram que, no primeiro grupo, estão os verbos do tipo de ‘ir’, ‘vir’, ‘chegar’ e ‘partir’; o segundo é formado por verbos do tipo ‘arrastar-se’, ‘agitar’, ‘dançar’. Este trabalho investiga os verbos do primeiro grupo, a fim de comparar a realização do argumento locativo no português brasileiro (PB) e na Língua de Sinais Brasileira (LSB). Consideramos também os verbos ‘colocar’ e ‘tirar’, pois esses verbos selecionam um argumento locativo, que é identificado por uma trajetória.

Verbos de movimento de trajetória descrevem um deslocamento em relação a um ponto no espaço. O *argumento locativo* é associado a um ponto de referência ou a um percurso. Em português, a trajetória é definida pelo verbo e pelo uso de uma preposição introdutora do argumento locativo.

De acordo com Cunha; Cintra (2007), as preposições podem exprimir movimento ou não movimento (situação), conforme ilustrado a seguir (com exemplos adaptados dos autores, p. 570-1):

(19) Vou a Roma.

(20) Maria está em casa.

Além disso, o movimento ou a situação podem ser considerados com relação ao *tempo*, ao *espaço*, e à *noção* (esta última para indicar os casos que não descrevem *tempo* nem *espaço*). A preposição *de* pode descrever os três contextos:

1. ESPACIAL

(21) Todos saíram de casa.

2. TEMPORAL

(22) Trabalha de 8 às 8 todos os dias.

3. NOCIONAL

(23) Chorava de dor.

Cunha; Cintra (2007, p. 575) acrescentam que “na expressão de relações com ideia de movimento, importa levar em conta um ponto limite (A), em relação ao qual o movimento será de aproximação ($B \rightarrow A$) ou de afastamento ($A \rightarrow C$)”:

B -----→ A -----→ C

Vou a Roma Venho de Roma

Conforme observa Souto (2014), a preposição pode também descrever a trajetória, conforme ilustrado a seguir com a preposição ‘por’; ‘pelo(s)/pela(s)’:

(24) O carro vai pela estrada.

Os verbos de movimento na LSB são chamados de verbos ‘espaciais’. Segundo Quadros; Karnopp (2004), Quadros (1999) analisa os verbos “espaciais” como verbos de concordância. “Tais verbos possuem afixos locativos, como VIAJAR, IR e CHEGAR.” (p. 201). Os verbos espaciais manifestam o parâmetro do movimento na estrutura do sinal e fazem uso do espaço de sinalização. Quadros (1999) considera que verbos espaciais e verbos concordância apresentam o mesmo comportamento sintático.

De acordo com Quadros; Karnopp (2004, p. 2002):

“Isto não significa que semanticamente não haja diferença. Na verdade, há seleções semânticas padrões que diferenciam os verbos espaciais dos verbos que incorporam o sujeito e o objeto. Rathman e Mathur (2002) apresentam uma análise diferenciando os verbos quanto à seleção de seres animados e inanimados, por exemplo.”

Em relação aos verbos de concordância, também chamados de direcionais, Quadros; Karnopp (2004, p. 130) observam que, na realização desses verbos, “há uma

relação entre os pontos estabelecidos no espaço e os argumentos que estão incorporados no verbo”. Nesse sentido, a concordância consiste na incorporação dos traços de pessoa e número dos argumentos. Verbos espaciais incorporam os traços dos argumentos locativos. Na presente análise, seguindo Calixto; Salles (2018), propomos que verbos espaciais manifestam traços formais que devem ser checados na estrutura funcional da sentença (Cf. Capítulo 3).

Com verbos simples (sem concordância), os referentes são estabelecidos no espaço neutro e podem ser usados de duas formas nas LSB e podem estar fisicamente presentes ou não. Dessa forma, conforme Quadros; Karnopp (2004, p. 130) “o sinalizador aponta para si indicando a primeira pessoa, para o interlocutor indicando a segunda pessoa e para os outros indicando a terceira pessoa”. Quando o referente não está presente, são estabelecidos pontos abstratos no espaço de sinalização. Depois de introduzidos no espaço, é possível fazer referência a eles no discurso.

Portanto, a representação dos referentes está relacionada diretamente com o sistema pronominal e com a concordância. Veja nas figuras que se seguem o sistema pronominal da LSB.

Figura 11: Formas pronominais usadas com referentes presentes
(Quadros e Karnopp, 2004, p.131)

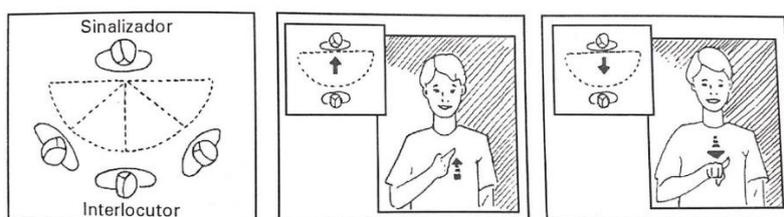
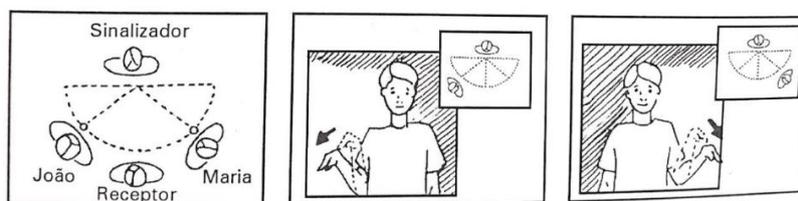


Figura 12: Formas pronominais usadas com referentes ausentes



(Quadros, 1997, p.51-52 adaptada de Lillo-Martins e Klima, 1990, p.192-193)

A seguir, exemplificamos as estratégias usadas pelos verbos de espaciais em relação ao uso do espaço de sinalização.

- ✓ Movimento orientado de um ponto de origem para fora em um espaço de sinalização;
- (25) 1-IR_{DIR} UnB
‘Eu vou para a UnB.’
- ✓ Movimento orientado de um ponto exterior para um ponto interno em um espaço de sinalização;
- (26) 1-VIR_{DIR} CASA
‘Eu vim de casa.’
- ✓ Ausência de movimento, com marcação de um ponto fixo no espaço
- (27) 1-MORAR BARRA DO GARÇAS
‘Eu moro em Barra do Garças.’

Calixto; Lima-Salles (2018a; 2018b) examinam as estruturas com sintagmas locativos com verbos de movimento na LSB. Na análise, as autoras consideram a hipótese de Quadros; Karnopp (2004) e analisam o afixo locativo como uma categoria que marca o caso oblíquo. No presente estudo, consideramos os sintagmas locativos não só em predicados com verbos de movimento como também em predicados com verbos sem movimento. Verificamos que no último caso não existe um afixo locativo na estrutura do verbo. No entanto, o sintagma locativo é marcado pela indicação de um ponto no espaço neutro de sinalização ou pelo ponto de articulação (PA) no corpo do sinalizador.

Além do uso do espaço de sinalização, é possível descrever a posição relativa entre a trajetória descrita pelo verbo de movimento e o sintagma locativo por meio de construções classificadoras. Apresentamos a seguir a análise de Veloso (2010) dessas construções, em comparação com outras estratégias.

3.3.2 Construções Classificadoras, Verbos de Deslocamento e Localização na Língua de Sinais Brasileira

De acordo com Veloso (2010, p. 59), existe muito debate em relação às construções classificadoras em línguas de sinais. Alguns autores defendem que os classificadores das línguas de sinais são morfemas (configurações de mão) que se ligam a verbos, outros autores questionam se são ou não elementos linguísticos. Por essa razão, a autora decide adotar o quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD), segundo Halle e Marantz (1993), na análise dos dados, que utiliza feixes de traços formais na formação de palavras ou sintagmas. Dessa forma, a autora analisa as construções classificadoras em função das operações sintáticas que realizam e não como palavras ou sintagmas.

Veloso (2010) apresenta o exemplo de construção classificadora a seguir:

(28) VEICULO_ULTRAPASSAR (md) VEICULO (me)



'Um carro ultrapassou outro carro.'

Figura 13: VEICULO_ULTRAPASSAR (md) VEICULO (me)
extraída de Veloso (2010, p.60)

No exemplo (28), a configuração da mão direita (md) é um classificador (CL) que representa 'VEÍCULO', e mostra o movimento lateral, que sai da posição atrás da mão esquerda (me), não dominante, para a frente da mão não dominante, e diz respeito a raiz verbal do sinal ULTRAPASSAR [=MOVER DE X PARA Y]. A mão direita (md) e a orientação representam o argumento externo 'UM CARRO'. A mão esquerda (me), não dominante, realiza o argumento interno 'OUTRO CARRO'.

Seguindo o sistema de concordância adotado na análise de verbos da LSB, Veloso propõe que os verbos podem se utilizar de marcador *locus*; de configurações de mãos classificadoras; e também dos dois tipos marcadores. Além desses grupos, existem os verbos que não possuem nenhum tipo de flexão (verbos simples). A análise de

Veloso afirma que construções classificadoras mostram um comportamento semelhante ao de verbos de concordância.

Verbos que apresentam concordância na LSB e construções classificadoras podem vir depois da negação. Verbos sem concordância não aceitam a ordem Neg+V.

(a) construção classificadora

(29) JOÃO NÃO VEÍCULO_ULTRAPASSAR_VEÍCULO

(b) verbo com concordância

(30) IX<the> JOHNA NO <a> GIVE BOOK

‘John does not give the book to (her)’

(Quadros 1999, p. 118, citada por Veloso, 2010, p. 63)

(c) verbo sem concordância

(31) *JOÃO NÃO GOSTAR MARIA

‘O João não gosta da Maria.’

Construções classificadoras e verbos de concordância licenciam argumentos nulos. Verbos sem concordância não aceitam argumentos nulos.

(a) construção classificadora

(32) JOÃO VEICULO_UTRAPASSAR_VEICULO SEMPRE

‘João sempre ultrapassa \emptyset .’

(b) Verbo com concordância

(33) a. EU CAIXA_DE_SAPATOS aCARREGARb

b. (a+1SG ou SINGULAR) CARREGARb

‘Eu carreguei a caixa de cá para lá.’

(c) Verbo sem concordância

(34) a. AMANHÃ VOCÊ FALAR ELA

b. *AMANHA FALAR ELA \emptyset

‘Amanhã você fala para ela.’

Diante dos contrastes ilustrados de (29) a (34), Veloso (2010) defende que as construções classificadoras apresentam um comportamento semelhante ao dos verbos de concordância. Podemos então dividir as construções classificadoras em dois tipos:

- ✓ **sentenças intransitivas** (representação direta de um argumento), como no exemplo em (32).
- ✓ **sentenças transitivas** (representação indireta de um argumento) como no exemplo em (33).³

A autora analisa as CC como instâncias de concordância, adota a proposta de Zwitserlood (2003), que segue o modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, pag. 64). O exemplo abaixo é usado para ilustrar a análise.

(35) CARRO VERMELHO xVEÍCULO_MOVERy

‘O carro vermelho se moveu de x para y.’



Descrição: Mão direita horizontal aberta, palma para baixo.

Figura 14: *Descrição*: Mão direita horizontal aberta, palma para baixo.

(Veloso apud Salles e Naves, 2010, p.64)

A sentença (35) tem um verbo de deslocamento (MOVER) que apresenta concordância *locus* (pontos x e y no espaço de sinalização) e também concorda com o argumento Tema (CARRO). A concordância com o argumento Tema é realizada pela configuração de mão classificadora, especificada no exemplo (35), pelo movimento em deslocamento de onde ponto x e y. A derivação dessa estrutura envolve a concatenação de um argumento interno com a raiz de movimento. Além disso, são conectados também os argumentos internos Fonte e Alvo, se presentes, como ilustrado nas estruturas a seguir: (36)a.

³ Veloso (2010) não ilustra o exemplo (33), mas segundo meu conhecimento da LSB, entendo que a noção de representação indireta se refere ao fato de que o objeto do verbo de concordância é realizado em posição pré-verbal, por meio do classificador que representa CAIXA_DE_SAPATO, e depois é marcado pela concordância locativa na estrutura do verbo CARREGAR_b.

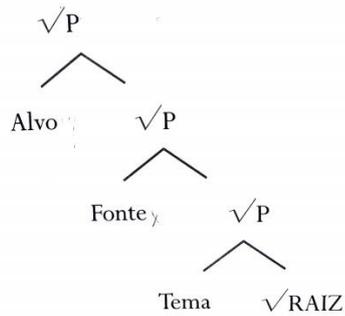


Figura 15: Concatenação de raiz com argumentos internos na representação direta de referentes (Velooso 2010, pag.64)

A seguir apresentamos a estrutura completa, com os nós funcionais de concordância.

(36) b.

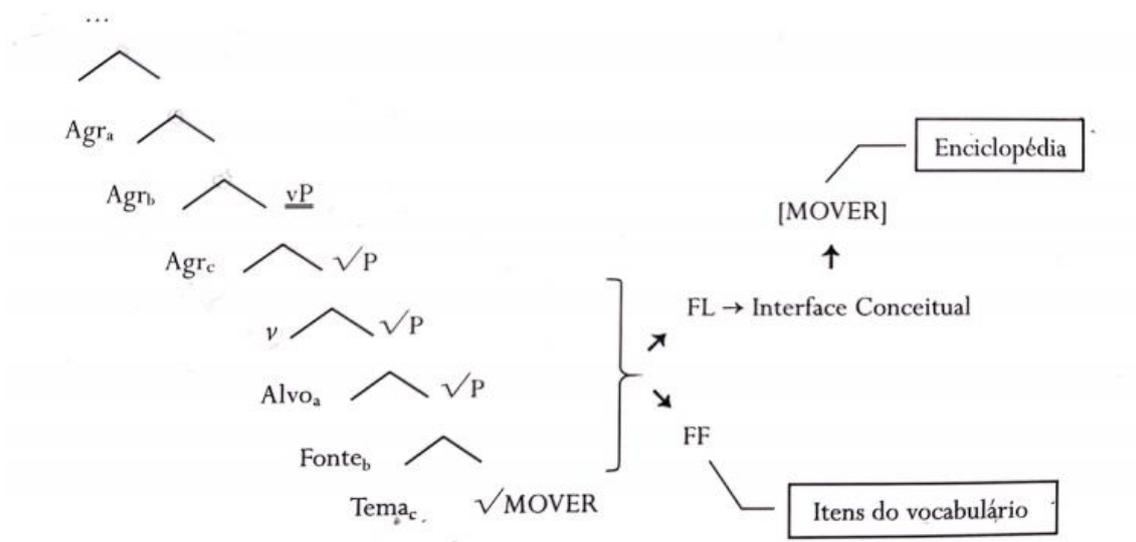


Figura 16: Concatenação de nós de concordância na representação direta de referentes.

(Velooso, 2010, pág.65)

“Assumindo que a LSB possui dois sistemas de concordância, os itens do vocabulário devem ser inseridos nos nós de concordância correspondentes. Nesta fase da derivação, todos os substantivos podem ocorrer como todos os tipos de argumentos (...) Na sentença exemplificada acima, CARRO está conectado com traços *locus* (que foram atribuídos no discurso anterior), por exemplo, [loc_x] e [loc_y] e com traços classificadores. Os itens do Vocabulário entram em competição para serem inseridos nos morfemas de concordância da derivação da sentença, e os traços morfossintáticos dos morfemas classificadores de concordância são subespecificados.”

A partir dessa análise, Veloso propõe um sistema de classificação dos verbos em LS, considerando que os verbos de concordância apresentam uma raiz com especificação para a configuração de mão (CM), mas não para o ponto de articulação (PA). Nesse caso, os Itens do Vocabulário fornecem os pontos de articulação, de acordo com os feixes de traços morfossintáticos que concordam com os marcadores de Fonte e Alvo. Essa análise está sistematizada no quadro comparativo, a seguir, que inclui os tipos de predicados: verbos sem concordância (simples), verbos com concordância (concordância/ espaciais), construções classificadoras.

| TIPOS DE PREDICADOS | | | |
|----------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|------------|
| TRAÇOS | SEM CONCORDÂNCIA | CONCORDÂNCIA <i>Locus</i> | CCs |
| <i>Ponto e Articulação</i> | + | - | - |
| <i>Configuração de Mão</i> | + | + | - |
| <i>Movimento</i> | + | + | + |

Quadro 3 – especificação de traços fonológicos relevantes para estabelecimento de concordância,
(Veloso, 2010, pág. 70)

Veloso analisa também CC em verbos de localização. Essa análise é relevante para o presente trabalho porque estabelece uma comparação com construções com verbos de localização sem classificadores.

De acordo com a autora, a LSB possui um sinal que atribui *loci* aos referentes do argumentos verbais. No exemplo (37a), a LSB utiliza *loci* por meio de apontamento que não participa de representação de referentes.

(37) a.



Figura 17: o sinal CARRO e ALI
(Veloso, 2010, p.71 *apud* Salles e Naves.)

De modo diferente, em (37b), os dois primeiros quadros indicam um *locus* para MARIA, e em outro momento da narrativa é usado esse mesmo *locus* com referência à mesma pessoa.

(37) b. PESSOA(mc) ESSA(md) FALAR M-A-R-I-A (md)

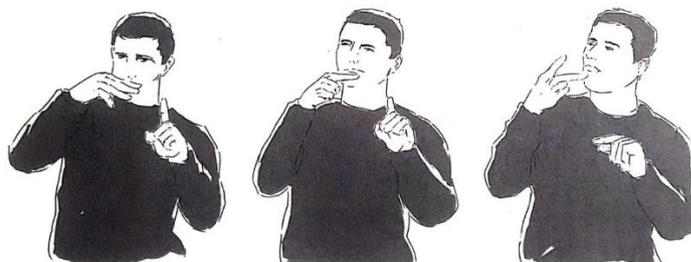


Figura 18: soletrador M-A-R-I-A, os sinais ESSA e FALAR
(Veloso, 2010, p.71 *apud* Salles e Naves)

Acima, no exemplo, percebemos a localização de um referente MARIA no espaço de sinalização, e é usada uma configuração de mão ‘G’ classificadora, que representa ‘pessoa’.

Na ilustração (38a), a sentença é existencial e inclui o verbo TER e os itens BICICLETA e JUNTO, seguida, em (38b), de um localizador LÁ e dos itens CARRO e VERMELHO, que formam o sintagma nominal ‘carro vermelho’.

Em (39), está representado o predicado que relaciona a localização dos dois objetos CARRO E BICICLETA.

(38) a.

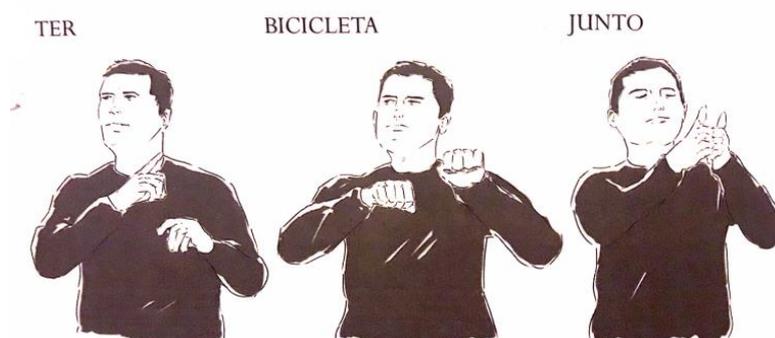


Figura 19: o sinal TER, BICICLETA e JUNTO (Veloso, 2010, p.72 *apud* Salles e Naves)

(38) b.

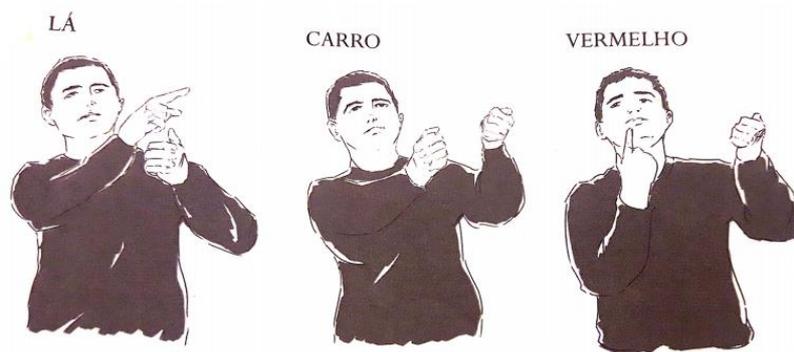
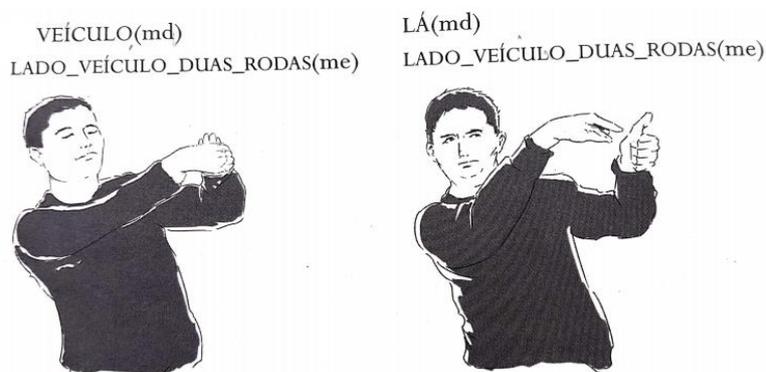


Figura 20: o sinal LÁ, CARRO e VERMELHO (Veloso, 2010, p.72 *apud* Salles e Naves)

(39)



‘Maria falou que tem uma bicicleta do lado do carro vermelho.’

Figura 21: o sinal VEÍCULO (md) LADO_VEÍCULO_ DUAS_RODAS (ME) e

LÁ (md) LADO_VEÍCULO_ DUAS_RODAS (ME),

(Veloso, 2010, p.72 *apud* Salles e Naves)

Conforme Veloso (2008, p. 73):

“A localização de BICICLETA em relação a CARRO é uma construção que concorda com os dois objetos, pois cada mão exibe uma configuração que representa um dos referentes mencionados, e há ainda concordância *locus*, pois as duas mãos ocupam locais do espaço de sinalização que representam sua distr[ibuição no espaço real (...) Tais construções não terão especificações para Ponto de Articulação e Configuração de Mão, os quais são inseridos de acordo com os morfemas de concordância, quando a derivação for enviada para FL [Forma Lógica] e FF [Forma Fonética].”

Veloso analisa também as sentenças copulativas em LSB. A autora mostra que a predicação copulativa pode ser realizada com um nome mais um adjetivo, advérbio ou nome, como ilustrado a seguir:

(40) LIVRO VELHO

‘O livro é/está velho.’

(41) MULHER CASA

‘A mulher está em casa.’

(exemplos extraídos de VELOSO, 2010, p. 74)

A autora mostra que, na LSB, os predicados existenciais (cf. 39) e os predicados com sintagmas locativos (40-41) apresentam o mesmo padrão de línguas orais (como russo, hindi, Chamorro, taglog e finlandês). Freeze (1992, *apud* Veloso 2010, p. 74) observa que “essas construções representam simplesmente uma mudança na ordem dos constituintes”, conforme ilustrado em (42) e (43), com dados do finlandês.

(42) miees on huonee-ssa.

homem.NOM está quarto.INESSIVO

‘O homem está no quarto.’

(43) huonee-ssa on miees

Quarto.INESSIVO homem.NOM

‘Tem um homem no quarto.’

(exemplos extraídos de VELOSO, 2010, p. 75, adaptados para o português)

Veloso (2010, p. 75) mostra que “a única diferença é que a LSB não apresenta um verbo foneticamente realizado no predicado locativo.”

(44) a. LIVRO MESA

‘O livro está na mesa.’

b. IX LIVRO MESA

‘O/ um livro está na mesa.’

c. MESA TER LIVRO

‘Tem um livro na mesa.’

d. *MESA TER IX LIVRO

‘Tem o livro na mesa.’

c. EU TER LIVRO

‘Eu tenho um livro.’

A conclusão do estudo é que as construções classificadoras da LSB possuem um comportamento semelhante às que possuem marcas de concordância. A análise mostra também que sentenças existenciais e sentenças com a cópula (nula) não permitem o uso de classificadores e se comportam como sentenças como verbos simples. Veloso (2010, p. 82) mostra finalmente que “sentenças com verbos de deslocamento e com o verbo ESTAR_LOCALIZADO apresentam as mesmas características que verbos de concordância”.

Capítulo 4

Sintagmas Locativos na Interlíngua do Surdo aprendiz de português

4.1 O que é interlíngua?

O termo ‘interlíngua’ foi introduzido pelo linguista Larry Selinker (1972, apud Santana 2016, p. 29), e tem sido um dos conceitos fundamentais para a investigação do processo de aquisição de segunda língua e para a construção de teorias sobre aquisição de L2.

A interlíngua é definida como um sistema linguístico diferente do sistema do falante nativo, a primeira língua (L1), e do sistema da língua-alvo, a segunda língua (L2), mas que mantém uma relação com ambos os sistemas. Entende-se, assim, que a interlíngua permite ao aprendiz de L2 expressar os significados. Tal sistema linguístico engloba não apenas a fonologia, a morfologia e a sintaxe, mas também os níveis lexicais, pragmáticos e discursivos (Santana, 2016, p. 29).

Mesquita e Salles (2010, pag.157) afirmam que “a postulação da interlíngua supõe a existência de um processo de aquisição de língua mediado por outra língua, (idealmente) a L1 (mas não necessariamente).” No caso dos surdos, a língua de sinais é a língua natural e adequada, e portanto a L1 do surdo. O surdo adquire a língua oral (na modalidade escrita), geralmente no contexto educacional. Por hipótese, esse conhecimento é determinado pela Faculdade de Linguagem.

Neste capítulo, apresentamos estudos prévios que investigam a interlíngua de surdos: Mesquita (2008); Santana (2015); Oliveira (2018). Concluimos o capítulo com uma análise dos sintagmas locativos na interlíngua de surdos aprendizes de português L2 (escrito), considerando dados coletados em redações disponíveis em Santana (2015).

4.2. O uso da preposição nos dados da interlíngua: estudos prévios

4.2.1. O estudo de Mesquita (2008)

Mesquita (2008) investiga o uso da preposição nos da interlíngua de surdos aprendizes de português (L2) escrito partindo da seguinte pergunta: existe preposição em LSB? Na resposta a essa pergunta, a autora assume as seguintes propriedades que definem a categoria das preposições em línguas orais, como o português.

I. A preposição retoma a semântica do verbo

(a) faz parte do sistema de transitividade do verbo

(1) Ele conversou com o pai.

(b) não acrescenta informação semântica nova – pode ser substituída por outra preposição.

(2) Todo domingo Maria vai no cinema/ para o cinema/ ao cinema.

II. A preposição acrescenta informação nova

(3) O professor veio de Brasília para São Paulo.

III. A preposição é uma categoria relacional/ transitiva, pois liga um antecedente (pão) ao conseqüente (manteiga)

(4) Maria comeu pão com manteiga

Na análise, autora adota também a distinção entre preposições lexicais e funcionais, conforme propõe o quadro teórico gerativista (CHOMSKY 1986). No primeiro caso, as preposições selecionam semanticamente seus argumentos, assim como verbos, nomes e adjetivos. Por essa razão, a presença do argumento é obrigatória e seu conteúdo semântico deve ser compatível com o conteúdo semântico da preposição. No

segundo caso, as preposições não selecionam semanticamente seus argumentos. Seu uso pode ser comparado ao uso da flexão de caso (morfológico), em línguas como o latim.

Com base nessas propriedades, a autora investiga a presença da categoria preposição em LSB. Para tanto, considera a ocorrência do sinal JUNTO/COM, nos dados a seguir, retirados de uma narrativa em LSB.⁴

(5) EU IR JOGAR- CRÍQUETE COM RAINHA.

‘Eu vou jogar críquete com a rainha.’

(6) ALICE CANSADA COMEÇAR CANSADA SENTAR COM IRM@

‘Alice começou a ficar cansada de estar sentada com sua irmã.’

(extraído de Mesquita 2008, p. XX)

Mesquita (2008) observa que o item ‘COM’ na LSB ocorre em um contexto semelhante ao da preposição ‘com’ em português. No entanto, observa que, nos verbos de concordância, como DAR, AVISAR, TELEFONAR, não existe preposição. No entanto, em português, o argumento ALVO ocorre com a preposição ‘para’, enquanto a LSB utiliza o parâmetro do movimento e da direção (cf. QUADROS; KARNOPP 2004).

(7) 1S-TELEFONAR-2S

Eu telefono **para** você

Pela análise dos dados, Mesquita (2008) considera que, em (5), a categoria COM/JUNTO retoma a semântica do verbo JOGAR (propriedade I), e em (6), a categoria COM/JUNTO acrescenta informação nova ao predicado SENTAR, pois a expressão COM IRM@ não é obrigatória na estrutura do predicado (propriedade II). Em (5) e (6), a preposição é relacional/ transitiva, pois liga um termo antecedente a um conseqüente: ‘EU’ e ‘RAINHA’ e ‘ALICE’ ‘IRM@’.

O sinal COM/JUNTO é também encontrado em uma sentença com sujeito no plural, conforme ilustrado em (8). Nesse caso, a categoria é intransitiva e ocorre como um predicativo do sujeito.

⁴ A narrativa é a obra de L. Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, publicada em DVD pela Editora Arara Azul, com versão sinalizada em LSB e escrita em português.

(8) VAMOS JUNTOS PROCURAR

‘Vamos juntos procurar.’

(extraído de Mesquita, 2008, p. XX)

Mesquita (2008) analisa a distinção entre a categoria COM/JUNTO transitiva e intransitiva com base na análise de Lobato (1995) da categoria ‘junto’ e da locução ‘junto de’, do português. De acordo com Lobato, no primeiro caso, a categoria é um advérbio; no segundo caso, é uma locução prepositiva.

Na comparação com o português, existem contextos que a LSB não usa preposição. Como no caso dos verbos de movimento direcional. Conforme exemplificado anteriormente, nesses contextos, a LSB usa o parâmetro do movimento e da direção para estabelecer a relação entre o verbo e o argumento locativo. Com base nessa análise, a autora investiga a interferência da L1 na interlíngua, examinando dados coletados da produção escrita de surdos em contextos educacional. Passamos a exemplificar os padrões encontrados.

Em (9), verificamos que o aprendiz não usa a preposição para realizar o argumento locativo ‘casa’; também não usa preposição ‘de’ na estrutura do sintagma nominal para marcar a relação entre o nome ‘casa’ e o sintagma ‘minha irmã’. Em LSB, não existe preposição nesse contexto sintático. Portanto, existe interferência da L1.

(9) Depois ir ___ casa ___minha irmã

Em (10), o aprendiz usa a preposição ‘em’ na estrutura do sintagma nominal para marcar a relação entre o núcleo nominal ‘venda’ e o sintagma ‘matéria-prima’. No entanto, a preposição usada é ‘em’, mas a preposição adequada é ‘de’. Considerando que não existe preposição em LSB, nesse contexto, Mesquita (2008) conclui que uso da preposição indica efeito do *input* da L2: o aprendiz identifica a categoria ‘em’ como uma categoria preposicional.

(10) Venda em matéria-prima.

Em (11), o aprendiz usa a categoria ‘dentro’ para introduzir o argumento locativo ‘chácara’, mas não usa a preposição ‘de’, que está na estrutura da locução preposicional ‘dentro de’. Nesse contexto, existe o sinal DENTRO em LSB, que marca o argumento locativo exatamente como em português. No entanto, não existe nenhum sinal equivalente a ‘de’ em LSB.

(11) Dentro _ chácara.

Mesquita (2008) observa ainda que a preposição ‘para’ ocorre em dados com os verbos ‘dar’, ‘ir’ e ‘ajudar’, conforme ilustrado a seguir.

- (12) a. dá venono [veneno] para capim
b. Ele amigo vamos pra árvores.
c. chove[r] muito ajuda para árvores.

A autora explica o uso da preposição nos dados em (12) pela interferência da L1, uma vez que o argumento ‘capim’ e ‘árvores’ é marcado na LSB pelo morfema direcional DIR.

Diante dos casos citados, Mesquita (2008) conclui que a ausência de preposições na interlíngua de surdos aprendizes de português (L2) escrito indica que existe interferência negativa da L1, pois a preposição não ocorre na LSB nos mesmos contextos. No exemplo (11), ‘dentro chácara’, existe interferência positiva da L1, pois existe o sinal DENTRO, em LSB.

4.2.2. O estudo de Santana (2015)

Santana (2015) investiga a aquisição da categoria preposicional do português (L2) escrito por surdos, considerando a língua brasileira de sinais, como primeira língua (L1) dos surdos e a língua portuguesa como sua segunda língua (L2). Adotando o quadro teórico gerativista (CHOMSKY 1965, 1970, 1981, 1995, citados pela autora, e seguidores), a autora parte de duas hipóteses: a primeira é que o *input* da aquisição da linguagem contém o gatilho (*trigger*) que dispara a marcação paramétrica devido ao fator robustez baseado na frequência e saliência do dado no *input*, conforme Lightfoot

(1991), a segunda é que as preposições funcionais, e não as preposições lexicais, são salientes para a aquisição do português (L2) por surdos.

A autora destaca a análise de Brito (2003), que distingue três tipos de preposições: (i) as que ocorrem com verbos inerentemente preposicionados, como *ir a*, *vir de*, *colocar em*, que selecionam argumentos com o papel temático de meta e fonte conjuntamente com o verbo (cf. 13); (ii) as que marcam tematicamente seus argumentos como itens predicativos (cf. 14); as que são marcadoras de caso, porque têm papel secundário na marcação temática, pois ocorrem com verbos como *dar*, *oferecer*, *devolver*, e encabeçando o complemento de nomes e adjetivos (cf. 15).

(13) Ela pôs os livros na estante.

(14) O presidente está em Díli.

(15) Comprei um livro para a Maria

(exemplos de Brito (2003), citados por Santana (2015, p. 68))

Santana (2015) discute a análise de Meir (2002, citada por Mesquita; Salles (2010) para os verbos de concordância. Nessa análise, o morfema direcional (DIR) é responsável pela atribuição do papel temático de meta/alvo e a orientação da palma marca o caso dativo. De acordo com Santana (2015, p. 73),

“o que cria problema para essa análise é o fato de verificarmos que nem todo verbo direcional seleciona argumento com papel de meta. Em português alguns desses verbos correspondem a verbos de complementos locativos ou até mesmo a verbos transitivos diretos, com papel de tema, como é o caso de ‘*ver*’”.

A autora questiona a análise dos dados com item JUNTO/COM citados por Mesquita; Salles (2010), como no caso de (6), repetido em (16).

(16) ALICE CANSADA COMEÇAR CANSADA SENTAR COM IRM@

‘Alice começou a ficar cansada de estar sentada com sua irmã.’

(extraído de Mesquita 2008, p. XX)

De acordo com Santana (2015, p. 77),

“Nesse caso, é plausível analisar JUNTO, em posição de adjunto, como um advérbio complementado por IRM[ã(o)], o que é trivial em libras, uma vez que observamos que as complementações nominais, adjetivais, verbais e adverbiais se dão simplesmente pela junção de predicador e argumento, à moda de uma complementação direta, sem intermediação de preposição.”

Nesse sentido, a autora analisa o dado em (5), repetido como (17), como uma estrutura em que JUNTO/COM é predicativo do sujeito, o que pode ser confirmado pela concordância com sujeito em português.

(17) VAMOS JUNTOS PROCURAR

‘Vamos juntos procurar.’

(extraído de Mesquita, 2008, p. XX)

Nesse sentido, a autora acrescenta uma possibilidade de flutuação categorial para o item JUNTO/COM como advérbio e adjetivo, que não é considerada na análise de Mesquita (2008) (ver seção 2.3.3.1).

Na análise dos dados da interlíngua, a autora examina um *corpus* constituído de amostras de produções escritas por surdos, bem como da fala natural em Libras, coletadas através de nove informantes surdos, jovens e adultos, estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Para a transcrição dos dados da Libras, foi utilizado o Sistema de Escrita para Língua de Sinais – SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012).

A análise dos dados de interlíngua escrita mostrou que esses informantes, independentemente do grau de escolaridade, ainda apresentam grande dificuldade no uso de preposições. No entanto, a presença dessa categoria permite dizer que o processo de aquisição da categoria das preposições do português está em curso para a maioria dos informantes. As ocorrências de preposições nos dados gerais estão apresentadas na

Tabela 1, extraída de Santana (2015, p. 84).

| | Número de preposições | |
|--------------------------------------|-----------------------|-------|
| Adequadas | 48 | 20,6% |
| Inadequadas | 14 | 6% |
| Em posição preposicional inexistente | 33 | 14,2% |
| Ausentes | 138 | 59,2% |
| TOTAL | 233 | 100% |

Tabela 1: ocorrências de preposições nos dados gerais

Passamos a exemplificar as estruturas produzidas pelos participantes no estudo de Santana (2015). A autora organiza os dados da seguinte forma: “as adequadas estão sublinhadas; as inadequadas estão em itálico, as ausentes aparecem entre parênteses e as de posição preposicional inexistente estão riscadas.” (p. 84, nota 45)

A. Preposição adequada

(18) a. Pai fala quero mudou para moro em Jitaúna-Bahia

- a. Meu pai com filho andar com conversa.
- b. Eu trabalho de instrutor de libras.
- c. Feliz porquinhos gosto muito de musica.
- d. Lobo vai procurar entra(r) em casa de Madeira
- e. Você ir para chaminé.

B. Preposição inadequada

- f. Seu casa *com* tijolos.
- g. Pai trabalha taxi *para* São Paulo.
- h. Ela professora *com* inglês
- i. Saci gostou *para* você

C. Preposição ausente

j. Aprender libras (na) sala IERP (de) 2008 à (2009).

D. Preposição inexistente

k. ...vai faze panela ~~de~~ grande de água

Na análise, a autora considera a distinção entre preposições como (i) preposições em verbos inerentemente preposicionados; (ii) preposições que marcam tematicamente seus complementos (lexicais); (iii) preposições marcadoras de caso. A conclusão é a seguinte:

“(...) embora haja um predomínio de ausência de preposições tanto entre as lexicais como entre as funcionais, as funcionais apresentaram maior índice de adequadas (27%) do que as lexicais (20%) e houve menos inadequações de preposições funcionais (7%) do que de lexicais (9%). Ou seja, os dados quantitativos estão indicando maior tendência à aquisição de preposições de natureza funcional do que de natureza lexical. Entretanto, conferindo isoladamente as preposições lexicais, verificamos que, entre as presentes, as adequadas superam as inadequadas.” (SANTANA, 2015, p. 87)

A análise quantitativa mostrou que a posição funcional de complemento nominal (CN) é a que mais favorece a ocorrência do sintagma preposicional (PP) nos dados da interlíngua. Diante disso, “a preposição ‘de’ é a que encontra mais posições que lhe são compatíveis e a que apresenta maiores índices de ocorrências convergentes.” (SANTANA, 2015, resumo).

Os resultados de Santana (2015) mostram que a diferença entre preposições lexicais e funcionais é um contraste importante para a análise dos dados. Além disso, mostram a grande dificuldade dos participantes com o uso de preposições.

4.3.2. O estudo de Oliveira (2018)

O estudo de Oliveira (2018) é voltado para a aquisição de português (L2) escrito por surdos. A autora pesquisou estruturas com o verbo ‘ir’ de movimento na LSB e explica que faltam estudos específicos sobre o verbo ‘ir’ em LSB.

De acordo com Oliveira (2018), os dicionários Capovilla (2009, p.1300) descrevem como esse verbo é sinalizado, como a seguir:

“mão em 1 invertido, palma para trás, indicador apontado para baixo. Mover a mão para frente, virando a palma para baixo e dedo indicador apontando para frente.”

O dicionário inclui a descrição do sinal e a datilologia do verbo, e traz também informações sobre o significado com exemplos escritos e visuais, o uso nos estados no

Brasil, a escrita da língua de sinais (*sign writing*) e a tradução do verbo na língua inglesa escrita e a figura da sinalização do verbo.

Figura 22: Sinal o verbo *ir*



Fonte: Oliveira, 2018, p.54 (extraído de Capovilla, 2009, p.1300)

A autora investiga o uso de estruturas com o verbo ‘ir’ de movimento na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) escrito. O objetivo do estudo é investigar as características morfossintáticas do verbo *ir* de movimento em textos escritos em português por estudantes surdos do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, considerando também o argumento locativo e os estágios de interlíngua em relação ao emprego da preposição.

A autora faz a seguinte síntese dos resultados:

- ✓ Os dados mostram que o argumento locativo é realizado por um elemento pronominal, pelo advérbio *lá* ou pelos advérbios *já* e *embora*.
- ✓ A escrita do surdo apresenta a forma canônica do verbo *ir* e seu complemento locativo, e a ordem dos constituintes é SVO.
- ✓ O emprego da preposição é determinado pelo estágio da interlíngua e confirma a hipótese do acesso parcial à GU.
- ✓ As preposições funcionais têm pouca produtividade.

O estudo foi realizado em duas instituições públicas, especializadas na educação bilíngue em Libras e Português escrito. A primeira instituição também oferece educação de Jovens e Adultos – EJA. As escolas são inclusivas, com interpretes para turmas com surdos e sala de recursos. Algumas nas escolas têm adaptação curricular junta com os professores regentes.

O estudo teve 29 (vinte e nove) alunos participantes, nas duas instituições. Os participantes foram distribuídos em dois grupos: Grupo 1 (7º. e 8º. ano do Ensino Fundamental) e Grupo 2 (1º, 2º, 3º. ano do Ensino Médio). Nos dados coletados em

redações, 23 (vinte e três) alunos produziram textos e narrações. Não foram encontradas ocorrências do verbo 'ir' de movimento em todos os textos. O verbo 'ir' foi encontrado também em outras construções gramaticais, como em perífrases (o verbo 'ir' é usado em posição de verbo auxiliar). Considerando todas as ocorrências do verbo 'ir', de um total de 87 (oitenta e sete), 53 (cinquenta e três) correspondem ao verbo 'ir' de movimento. O estudo incluiu o teste de julgamento de gramaticalidade em sentenças com o verbo 'ir' e o argumento locativo, que foi apresentado com ou sem preposição.

Exemplificamos a seguir alguns dados citados pela autora.

Grupo 1.

- (19) a. Eu vamos combinar cidade rio de Janeiro passeio [...]
viagem Como que? **Vai** avião lá susto. (estudante Ana)
- b. paz feliz para **ir** hoje festa. (estudante Ana)
- (Oliveira, 2018, pág.67)

De acordo com a autora, em (19a), a narrativa fala de uma viagem à cidade do Rio de Janeiro (o sintagma locativo é mencionado na primeira sentença, em que o verbo *ir* de movimento não ocorre). Na sentença seguinte (19b), o participante utiliza o anafórico, a presença do adverbio '*lá*' é normal, por sua natureza dêitica. O referente ao lugar 'Rio de Janeiro', que corresponde ao fim da trajetória do verbo 'ir' indica que a sentença deu certo, com a satisfação da variável que indica a trajetória nessa predicação.

A sentença é considerada adequada em relação ao estágio da interlíngua na aquisição do português escrito, visto que mostrou o sintagma '*avião*', mas não colocou a preposição. A hipótese é que pela semântica da preposição lexical '*para*', há possibilidade que o participante teria maior capacidade de aquisição da preposição funcional '*para*', que introduz o argumento locativo. Mas a autora afirma que, em muitos dados, o participante não atingiu o estágio de interlíngua em que preposições ocorrem, no caso do complemento do verbo 'ir'. No entanto, existem dados com a preposição '*para*', conforme ilustrado a seguir.

- (20) a. Eu já **fui** zoo quando eu era pequena (estudante Joana)
- b. **fui** para quando eu tinha 10 ou 9 anos (estudante Joana)
- c. mais lugar sempre sonhei quero **ir** e pro Japão ou **para** China (estudante Joana)
- (Oliveira, 2018, pág.68)

Grupo 2.

(21) a. irei para aeroporto [estudante Maria]

b. mais tarde irei para passeio que conheci na lugar em Rio de janeiro
[estudante Maria]

c. e mais uma vez indo outra lugar do ZOOLOGICA [estudante Maria]

(Oliveira, 2018, pág.71)

Considerando os dados em (21a) e (21c), verificamos que a participante Maria usa a preposição ‘para’ com os locativos ‘aeroporto’ e ‘outra lugar do ZOOLOGICA’, em (21a) e (21c), e com a palavra ‘passeio’, em (21b) (um lugar em que se passeia e que Maria conheceu no Rio de Janeiro).

A autora considera interessante o dado, em (22), em que a Sofia descreve a viagem dela com a família ao *Rio de Janeiro (locativo)*, e usa ‘em’ como preposição introdutora do argumento locativo do verbo ‘ir’. Também a contração em + o = no. A participante Sofia é aluna com grau de surdez profundo e bilateral e a sua comunicação consta somente como LIBRAS, não sendo oralizada, também não usando implante coclear.

(22) já fui viagem e ônibus **ir** no Rio de Janeiro com minha família [estudante Sofia]

(Oliveira, 2018, pág.74)

De acordo com Oliveira (2018), a morfossintaxe do verbo ‘ir’ de movimento na produção escrita de surdos aprendizes de português (L2) escrito mostra a manifestação do argumento locativo e da preposição. Os participantes já sabem as regras em relação ao uso do verbo ‘ir’ com seu complemento locativo. No entanto, o uso da preposição depende do estágio da interlíngua. Esse resultado confirma a hipótese do acesso parcial à GU.

4.3 Sintagmas locativos em redações de surdos no contexto educacional: os dados de Santana (2015) revisitados

Nesta seção, apresentamos os resultados de nossa análise dos sintagmas locativos coletados em redações de surdos no contexto educacional. Nosso objetivo é

investigar sintagmas locativos em predicados com verbos direcionais/ espaciais, em oposição a outros tipos de predicados na LSB. Em particular, desejamos verificar se a presença do afixo locativo favorece o uso da preposição. Para tanto, revisitamos o corpus constituído por Santana (2015) de redações de surdos em contexto educacional, que está disponível no Anexo 2 da dissertação de Santana (2015).

Fizemos uma análise quantitativa em relação ao uso da preposição com sintagmas locativo em predicados com verbo de movimento (VM) e sem verbo de movimento (SM), em redações espontâneas produzidas por participantes surdos com grau de surdez profunda bilateral e que também nasceram surdos. Os participantes estão numerados de 1 a 6. Nas atividades de produção escrita, foram incluídos 5 (cinco) participantes: 4 (quatro) participantes produziram uma narrativa (fábula: “Três Porquinhos e o lobo”) e um relato de trajetória pessoal; 1 (um) participante produziu somente o relato de trajetória pessoal. A produção textual do participante 5 não foi incluída.

A seguir, apresentamos exemplos dos dados coletados.

Participante 1

Texto com relato de trajetória pessoal: 10 linhas.

(38) __Pessoa falar __ MG __ médico __ bom

[a pessoa falou que em MG tem um médico muito bom.

(39) Mulher nome Sara trabalhar __ CEMAR responsável minha mãe junta esforço
me ajudar eu estudar conseguir

[A mulher, o nome é Sara, trabalha no CEMAR.]

(40) Mãe, pai mudar __ Jequié

[Eu] minha mãe e meu pai mudamos para Jequié]

Participante 2

Texto com relato de trajetória pessoal: 15 linhas.

(41) Minha mãe fala: não pode ___ escola filho

[não pode ir para a escola, filho]

(42) __ Céu minha mãe ajudar filho, “Deus”

[no céu minha mãe ajudar o filho, com Deus]

Texto narrativo: fábula dos “Três Porquinhos”: 13 linhas.

(43) Lobo vai chato **de** casa

[Lobo vai embora da casa chateado]

(44) Novo __ Jequié

[de novo morar **em** Jequié]

(45) Mas desistir __ para ípiã

[desistiu de **ir** para]

Participante 3

Texto com relato de narrativa pessoal: 10 linhas.

(46) (...) __ Cemar porque ir manda mãe

[porque a mãe manda ir para Cemar]

(47) __ Outra escola onde Duque de Caixa estudar

[foi estudar em outra escola Duque de Caxias]

(48) Eu quer escola voltar __ Duque de Caxias

[eu quero voltar para a escola DC]

Narrativa: fábula “Os três porquinhos”: 3 linhas.

(49) Porcinhos vamos **ir** quer __ casa

[porquinhos querem ir para casa]

(50) Não conseguir **ir** ver

[não consigo ir ver]

(51) Porquinho feliz muito vamos com comer vem __ andar.

[Porquinho muito feliz vamos comer com você, vem para casa.]

Participante 4

Relato de trajetória pessoal: 7 linhas.

(52) Mamãe vai preocupado muito filho é surdo.

[Mamãe ficou muito preocupada [porque] filho é surdo]

(53) ___ Outra escola IERP começar estudar vai Interprete Rute.

[Fui para outra escola IERP e comecei estudar. Tinha intérprete Rute]

(54) surdos vai escola sempre

[os surdos sempre vão para a escola]

Fábula “Os três porquinhos”: texto com 7 linhas.

(55) Lobo vai procura entre casa tijolo já

[Lobo vai entrar na casa de madeira]

(56) Você ir para Chamine

[Você vai para a chaminé.]

Participante 6

Relato de trajetória pessoal: texto com 4 linhas.

(57) ___ Cidade Brejões escola Lais surda nada Libras

[Na cidade de Brejões, na escola, eu era surda, não havia nada de Libras]

(58) Bom libras escola.

[Bom ter Libras na escola]

(59) Quera viajar Jequeié

[Quero viajar para Jequié]

A seguir, apresentamos a tabela com os dados quantitativos, considerando a distribuição das categorias por participante/ informante.

| Participante | Verbo Movimento | Sem Movimento | Sem Verbo | Preposição+ | Preposição- |
|--------------|-----------------|---------------|-----------|-------------|-------------|
| Part 1 | 3 | 7 | Ø | Ø | 10 |
| Part 2 | 7 | 4 | 3 | 5 | 9 |
| Part 3 | 7 | 3 | Ø | Ø | 10 |
| Part 4 | 6 | 3 | Ø | 1 | 8 |
| Part 6 | 1 | 3 | Ø | Ø | 4 |
| TOTAL | 24 | 20 | 3 | 6 | 41 |

Tabela 2. Verbo de movimento (VM); Verbo Sem Movimento (SM); Sem Verbo (SV)/Locativos com preposição [+P]; Locativo sem preposição [-P]
(Elaborada por Calixto, 2019)

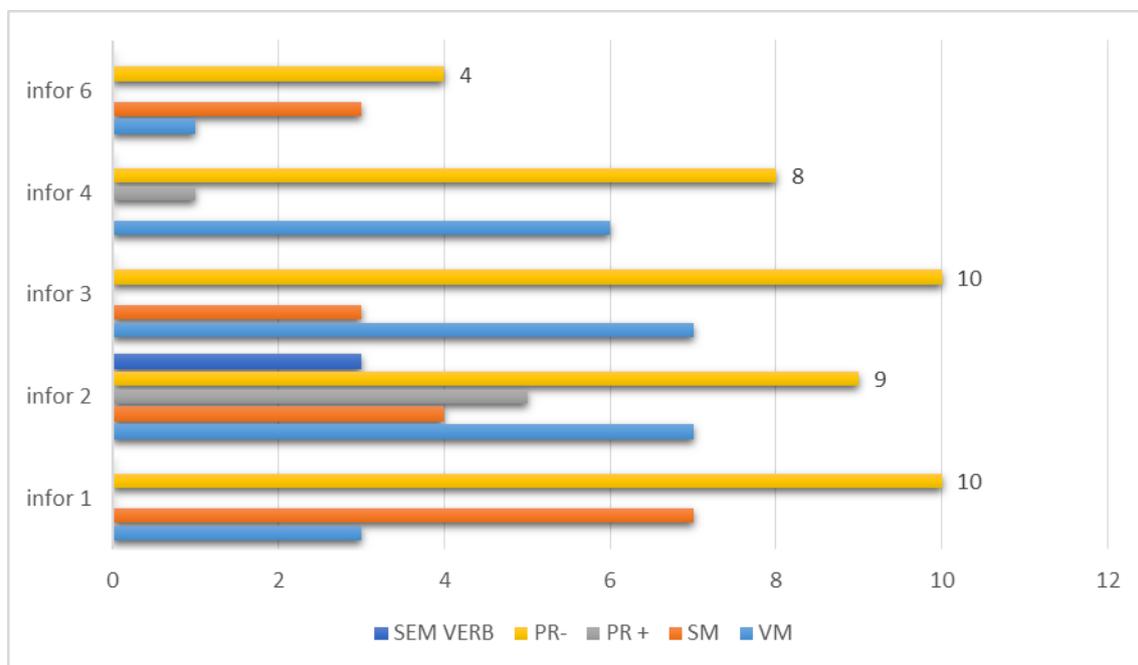


Gráfico 1. Categorias Verbo Movimento, Sem Movimento, Preposição +, Preposição -.
(Elabora por Calixto, 2019)

A tabela 3 mostra a distribuição da preposição em relação ao tipo de verbo, e também os casos em que a sentença não apresenta verbo. Observamos que o tipo de verbo não interfere em relação ao uso da preposição, já que a diferença é muito pequena (ausência da preposição em 21 casos com verbos do tipo VM e em 19 casos com verbos do tipo SM). Chama a atenção o uso de sentenças sem o verbo. Nesse caso, o sintagma locativo pode ocorrer com preposição (2 casos) ou sem a preposição (1 caso).

| | VM | SM | SEM VERBO |
|-----------|----|----|-----------|
| +P | 3 | 1 | 2 |
| -P | 21 | 19 | 1 |
| Total | 24 | 20 | 3 |

Tabela 3. Distribuição da preposição ([+P]/ [-P]) por tipo de predicado (Verbo do tipo VM; Verbo do tipo SM; Predicado sem Verbo (SV)) (Elaborada por Calixto, 2019)

/

4.3.1 Análise dos dados

A análise dos dados permite concluir que os participantes desenvolvem textos coerentes. Ou seja, é possível entender o conteúdo dos enunciados, pelo significado dos itens lexicais, pela estruturação das sentenças, que segue o padrão SVO, pelos recursos pragmáticos, que se apoiam no conhecimento do mundo compartilhado pelo falante e pelo leitor.

No entanto, os textos apresentam problemas na coesão linguística. Existem inadequações na flexão verbal, no uso de pronomes anafóricos, no uso de conectivos (preposições e conjunções). Verificamos que os sintagmas locativos ocorrem em sentenças com predicados com verbo de movimento e sem verbo de movimento. Em alguns casos, o participante usa o sintagma locativo em uma construção sem verbo. Verificamos também a ocorrência da perífrase com o verbo 'ir' para indicar o futuro.

Os sintagmas locativos ocorrem com preposição ou sem preposição. Em um total de 47 sintagmas locativos, temos 6 ocorrências de preposição. Considerando que,

nas sentenças em português, a preposição é obrigatória em todos os casos, concluímos que a categoria preposicional coloca muita dificuldade para o aprendiz de português como L2. Esse resultado já havia sido notado no estudo de Santana (2015), no mesmo corpus, considerando todos os contextos de uso da preposição.

Em alguns casos, as preposições estão de acordo com a gramática do português, mas existem usos da preposição que são inadequados. No entanto, a presença da preposição indica que o aprendiz de português L2 escrito está marcando a fronteira do sintagma locativo. Esse resultado foi observado em outros estudos, como o de Chan-Vianna (2004), que examinou estruturas de posse e observou o uso da preposição ‘de’, e também a preposição ‘com’ nesse contexto sintático.

Sabemos que os dados são muito escassos. No entanto, é possível comparar com outros estudos e verificar que nossos resultados estão de acordo, no sentido de demonstrar o uso muito restrito da preposição na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) escrito. Assumindo a hipótese da interferência da L1, devemos considerar a realização sintática dos sintagmas locativos na língua de sinais brasileira. Vimos no Capítulo 3 que a LSB licencia o sintagma locativo de duas formas:

- ✓ Pelo movimento direcional na estrutura do verbo, de afastamento ou de aproximação em relação a um ponto no espaço (que toma o sinalizador como referência), e determina a localização do argumento locativo em relação ao movimento;
- ✓ Pela realização do sinal do sintagma locativo, em um ponto neutro no espaço de sinalização, geralmente na frente do sinalizador; ou no corpo do sinalizador.

Por hipótese, as estratégias de uso do espaço são marcas gramaticais do Caso oblíquo na LSB e correspondem ao uso da preposição no português, ou ao uso dos morfemas de caso, como no latim. Nesse sentido, podemos de dizer que o contraste entre as línguas é muito significativo, pois os surdos têm dificuldade de estabelecer a relação entre as estratégias de uso do espaço na marcação do Caso oblíquo e o uso da preposição.

Capítulo 5

Considerações Finais

5.1. Considerações Finais

Este trabalho reporta os resultados da análise de sintagmas locativos na interlíngua de surdos falantes de LSB (L1) e aprendizes de português (L2) escrito. Para tanto, investigamos a expressão morfossintática de argumentos locativos em estruturas com verbos direcionais e de movimento na Língua de Sinais Brasileira – LSB, considerando a relação entre o uso do espaço, do movimento e da direção do movimento na LSB, na comparação com a categoria ‘preposição’ no português.

O estudo partiu do conhecimento da pesquisadora em relação às dificuldades dos surdos na aquisição de português (L2) escrito.

“Por ser surda, entendo as dificuldades dos surdos nas redações escolares, e nas situações sociais que exigem o uso da língua escrita. Essas dificuldades são minhas também e meu objetivo, com este trabalho, foi contribuir para melhorar o desenvolvimento acadêmico dos surdos. Acredito que o estudo científico da LSB e da aquisição do português (L2) escrito pelo surdo pode fortalecer o bilinguismo do surdo e, dessa forma, pode ser um caminho para a aquisição do português (L2) escrito.”

Em nossa análise preliminar, fizemos uma comparação entre a LSB e o português, mostrando que existe contraste na realização do argumento locativo com os verbos de movimento direcional (trajetória). Enquanto em LSB a relação entre o verbo e o argumento locativo é realizada por meio do parâmetro do movimento e da direção na estrutura do sinal, no português, são usadas as preposições. Neste ponto, não analisamos apenas a realização da estrutura linguística por categorias não-manuais (como a direção do olhar). Essa questão será investigada no futuro.

Diante da ausência de preposição em LSB, nesse contexto sintático, apresentamos os estudos de Mesquita (2008), Santana (2015) e Oliveira (2018) e concluímos que existem preposições em LSB, por exemplo, a categoria realizada pelo

sinal COM/JUNTO, ATÉ, SOBRE/SOB, DENTRO, SEM, analisadas como preposições lexicais. No entanto, preposições marcadoras de Caso não ocorrem na LSB.

Em todos os estudos que examinamos, os dados da interlíngua mostram que as preposições estão ausentes na maioria dos casos. No estudo de Mesquita (2008), as preposições ocorrem preferencialmente nos contextos de preposições lexicais e nos contextos em que o verbo correspondente em LSB é de concordância. O estudo de Santana (2015) mostra que as preposições funcionais ocorrem em maior número do que as lexicais, mas a diferença não é muito significativa. O estudo de Oliveira (2018) analisa os usos do verbo 'ir' na interlíngua do surdo, e também mostra que a preposição locativa não ocorre na maioria dos casos. Finalmente, nossa análise dos sintagmas locativos mostrou que as preposições estão ausentes nos contextos que correspondem aos verbos de movimento direcional na LSB. Por hipótese, esses verbos manifestam um afixo locativo. Verificamos que as preposições estão ausentes também nos contextos que não manifestam esse afixo.

Considerando a hipótese da interferência da L2 na interlíngua do surdo aprendiz de português (escrito) L2, concluímos que existe interferência, pois na maioria dos casos, a preposição não é usada nos contextos em que não existe preposição em LSB. Nesse sentido, o aprendiz não estabelece uma relação estrutural entre a preposição no português e as categorias que licenciam o argumento locativo na LSB – o afixo de concordância locativa no verbo de movimento; a identificação de um ponto no espaço neutro de sinalização ou no corpo do sinalizador. Apesar da correspondência de significado, consideramos que o uso do espaço na realização é um efeito de modalidade.

Esperamos que o presente estudo possa avançar a pesquisa em LSB e na aquisição do português (escrito) L2 de surdos em contexto educacional, contribuindo assim para o desenvolvimento acadêmico da pessoa surda.

Referências bibliográficas

CALIXTO, Sílvia Saraiva de França e LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira, *Argumentos Locativos em Estruturas com Verbos de Movimento na Língua de Sinais Brasileira* – LSB. Polifonia, Cuiabá-MT, 164 a 173, v.25, n.38.1, p.01- 192. Maio-Agosto 2018a.

CALIXTO, Sílvia Saraiva de França e LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira, apresentação de comunicação Oral: *A Realização de Argumentos Locativos em LSB: O uso do espaço na concordância locativa*. 2º CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LIBRAS, UFSC, 2018. FLORIANÓPOLIS-SC. DEPARTAMENTO LIBRAS-UFSC n o Disponível em vídeo no 01 a 03/10/2018b. <https://www.youtube.com/watch?v=IQiKhx0oFWo&t=49s>

CHOMSKY, N. *O Conhecimento da Língua* – sua natureza, origem e uso. Tradução: Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, N. *Linguagem e a mente. Novas perspectivas linguísticas*. Editora UnB, Brasília, 1998.

CAPOVILLA, Fernando César, RAFHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue. Língua de Sinais Brasileira- LIBRAS*, Volume I e II. 3º edição. Editora USP. USP-Universidade de São Paulo. 2008.

CAPOVILLA, Fernando César, RAFHAEL, Walkiria Duarte, TEMOTEO, Janine Gonçalves, MARTINS, Antonielle Cantarelli. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil. A Libras em suas Mãos*. Volume 1- Sinais de A e D. Editora USP, 2017. 1ª edição 1ª reimpr. – São Paulo- SP.

CUNHA, C.; L. F. L. CINTRA (2001) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Hely Cesar, *Estrutura Argumental e Ordem dos Termos no Português L2 (Escrito) de Surdos*, Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2016.

FERREIRA, Geysse Araújo, *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2013.

MESQUITA, Aline Camilla Romão, *A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de Português (L2)*. Dissertação de Mestrada. Universidade de Brasília – UNB. 2008.

MIOTO, Carlos, SILVA, Maria Cristina Figueiredo, LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. Editora Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Uriane Almeida, “*A realização morfossintática do verbo ‘ir’ de movimento no português escrito como L2 por surdos.*” Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade de Brasília, 2018.

PIZZIO, Aline Lemos, CAMPELLO, Ana Regina e Souza, REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira, QUADROS, Ronice Muller. *Língua Brasileira de Sinais III*, ISBN 978-85-60522-12-5. CCE-Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade e Distância. UFSC. Florianópolis – SC, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira, *Aquisição de segunda língua*, 1ª edição, ano 2014. São Paulo-SP. Parábola Editorial.

QUADROS, Ronice Muller, Educação de Surdos: *A Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M de; SHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos/ Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schimiedt*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller, VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa, *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. TISLR9 9º THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH CONFERENCE – Florianópolis, Brasil, Dezembro 2006. Editora Arara Azul.

SILVA, Joyce Maria Sandes da Silva, *A Categoria verbal em interlíngua português-Libras: Aquisição da modalidade escrita do português por surdos*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Vitória da Conquista – BA, 2016.

SANTANA, Lucinéa da Silva, *Aquisição da Categoria Preposicional do Português Escrito por Surdos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB), Vitória da Conquista -BA, 2015.

SALLES, H.; NAVES, R. *Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2*. In: SALLES, H.; NAVES, R. (orgs.) *Estudos gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Cãnone, Goiânia, 2010, p. 19-32.

SOUTO, Keli Cristiane Eugenio, *Categorias funcionais e lexicais no licenciamento de verbos de trajetória: o caso do verbo ‘ir’*. (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília – DF, 2014.

TRASK, R.I., *Dicionário de linguagem e linguística/ R.I. Trask; tradução Rodolfo Ilari, Revisão Técnica Ingedore Villaça Koch, Thais Cristóforo Silva*. 3.ed. 1ª reimpressão – São Paulo; Editora: Contexto. 2015.

VELOSO, Brenda Silva, *Construções Classificadoras e Verbos de Deslocamento, Existência e Localização na Língua de Sinais Brasileira*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas –SP, 2008.

WHITE, L. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge University Press, 2003.